

Ano XVI

N.º 9

Setembro 1939



LISBOA MÉDICA

JORNAL MENSAL DE MEDICINA E CIRURGIA

DIRECÇÃO

PROFESSORES

*Egas Moniz, Augusto Monjardino, Lopo de Carvalho,
Pulido Valente, Adelino Padesca, Henrique Parreira,
Reynaldo dos Santos e António Flores*

SECRETÁRIO ADJUNTO

Morais David

REDACTORES

*Morais David, Fernando Fonseca, António de Menezes, Eduardo Coelho,
José Rocheta e Almeida Lima*



HOSPITAL ESCOLAR DE SANTA MARTA
LISBOA

LISBOA MÉDICA

JORNAL MENSAL DE MEDICINA E CIRURGIA

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

(A concessão de subsídios por parte do Instituto para a Alta Cultura, não envolve juízos de valor sôbre a doutrina contida nas publicações subsidiadas nem aprovação da forma por que essa doutrina é exposta)

Os artigos devem ser enviados a redacção da «Lisboa Médica», Hospital Escolar de Santa Marta — Lisboa.
Os autores dos artigos originaes têm direito a 25 exemplares em separata.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PÁGAMENTO ADIANTADO

Continente e Ilhas adjacentes: Colónias e estrangeiro:
Ano, 60\$00 Ano, 80\$00
NÚMERO AVULSO: 8\$00 e porte do correio

Cada número terá em média sessenta páginas de texto.

Todos os assuntos referentes a administração e redacção devem ser dirigidos ao Dr. Morais David, Secretário Adjunto da Redacção e administrador da *Lisboa Médica*, — Hospital Escolar de Santa Marta, Lisboa.

Sala

Est

Tab

N.º 13

NEURINASE

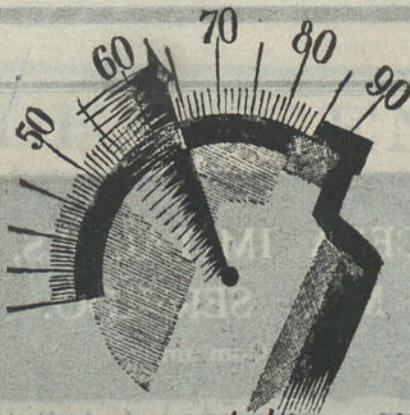
*provoca o
sono natural*



Insónia

Perlurbações nervosãs

AMOSTRAS E LITERATURA
LABORATORIOS GENÉVRIER
45, Rue du Marché, NEUILLY-PARIS



o peso aumenta! tomando

NUTRICINA

TONICO PODEROSO PARA DOENTES,
VELHOS E CRIANÇAS

A' venda em todas as farmácias

Dep. Lisboa: Lab. Jaba, R. Actor Taborda, 5

Porto: Ern. Cibrão & C.ª, Ltd, R. Almada, 244

Coimbra: Luciano & Matos, Rua Sofia, 11

INSULINA PROTAMÍNICA «A. B.»

(COM ZINCO) EM SUSPENSÃO (MARCA REGISTRADA)

A absorção de insulina injectada na forma de **Insulina Protamínica «A. B.»** (com zinco) em suspensão é mais prolongada e assemelha-se sobre-maneira à secreção natural das ilhotas do pâncreas.

Esta **Insulina** tem uma acção firme e regula melhor o metabolismo dos hidratos de carbone do que a insulina vulgar. Permite reduzir o número de inecções, requiere geralmente uma dosagem total mais baixa e os sintomas subjectivos da Diabetes melhoram notavelmente.

40 un. por cc. { 5 cc. (200 un.) 80 un. por cc. } 5 cc. (400 un.)
 10 cc. (400 un.)

A **Insulina «A. B.»** tem reputação mundial pela sua esterilidade estritamente salvaguardada, força cuidadosamente estandardizada, ausência de reacções tóxicas e estabilidade em climas quentes.

Envia-se folheto com minúcias aos Ex.^{mos} Clínicos

Fabricantes: **THE BRITISH DRUG HOUSES, LTD. — ALLEN & HANBURYS, LTD.**

Representantes: **COLL TAYLOR, LDA.** — R. dos Douradores, 29-1.º — LISBOA

NÃO RECEBA IMITAÇÕES, FICARÁ MAL SERVIDO.

Com um



Fica absolutamente garantido.

Só nas boas farmacias

NEGRETTI & ZAMBRA : Holborn Viaduct, 38, London.

COMBINAÇÃO IODO-PEPTONADA
GOTTAS, INJECTAVEL

I O D O N I E

"ROBIN"

Arteriosclerose, Affecções cardiacas,
Obesidade, Rheumatismo, Syphilis

OS LABORATORIOS ROBIN
13, Rue de Poissy, PARIS

App. pelo. D. N. S. P.

N.º 832
26 Junho 1923

Depositários para Portugal e Colónias:

GIMENEZ-SALINAS & C.^a - Rua da Palma, 240-246 — LISBOA

SULFARSENOL

Sal de sódio de éter sulfuroso ácido de monometilolaminoarsenofenol

ANTISIFILÍTICO-TRIPANOCIDA

Extraordinariamente poderoso

VANTAGENS: Injecção subcutânea sem dor.
Injecção intramuscular sem dor.

Por consequência se adapta perfeitamente a todos os casos.

TOXICIDADE consideravelmente inferior

à dos preparados seus congéneres

INALTERABILIDADE em presença do ar

(Injecções em série)

Muito **EFICAZ** na orquite, artrite e mais complicações locais de Blenorragia, Metrite, Salpingite, etc.

Preparado pelo LABORATÓRIO de BIOQUÍMICA MÉDICA

92, Rue Michel-Ange, PARIS (XVI^e)

DEPOSITARIOS
EXCLUSIVOS

Teixeira Lopes & C.^a, L.^{da} 45, Rua Santa Justa, 2.^o
LISBOA

O tratamento intra-uterino pela glicerina...

de há muito é considerado um dos melhores métodos para tratar a
Endocervicite /// **Cervicite**
Endometrite /// **Parametrite**

A própria modalidade para a sua aplicação é o tampão de...

Antiphlogistine

Com os seus 45% de glicerina, ácidos bórico e salicílico, óleos essenciais, essa fórmula é bem apropriada pelo seu poder de penetração e plasticidade, num veículo de silicato de alumínio higroscópico.



Poucos métodos existem capazes de fornecer a glicerina por tempo prolongado como o faz a **ANTIPHLOGISTINE**.

MEDIANTE PEDIDOS ENVIAREMOS AMOSTRAS E LITERATURA

The Denver Chemical Mfg. Co.

163, Varick Street

Nova York, E. U. A.

Robinson, Bardsley & Co., Lda.

Cais do Sodré, 8, 1.

LISBOA

LABORATORIOS CLIN

COLLOIDES

1º COLLOIDES ELECTRICOS : Electrargol (prata) - Electrauról (ouro) - Electr-Hg (mercurio) - Electrocuprol (cobre) - Electrorrhodiol (rhodio) - Electro-selenium (selenio) - Electromartiol (ferro) - Arrhenomartiol.

2º COLLOIDES CHIMICOS : Collothiol (cazofre) - Ioglysol (iodo-glycogeno).

SULFO-TREPARSEANAN

ARSENOBENZENE INJECTAVEL

Pela via hipodermica

Doses : I (0 gr. 06) a X (0 gr. 60)
Creações de peito : 0 gr. 02 e 0 gr. 04

NEO-TREPARSEANAN

Syphills — Plan — Impaludismo — Trypanosomíases.

ENESOL

Salicylarsinato de Hg (As e Hg) dissimulados
Empólas de 2 e de 5 c.c. a 0 gr. 03 par c.c.
Injecções intramusculares e intravenosas.

ADRÉNALINE CLIN

Solução a 1/1000. — Collyrios a 1/5000 e a 1/1000.
Granulos a 1/4 milligr. — Suppositorios a 1/2 milligr.
Tubos esterilizados a 1/10, 1/4, 1/2 e 1 milligr.

CINNOZYL

(Cinnamato de benzylo-Cholesterina e Camphora)

Imunisação artificial do
organismo tuberculoso.
Empólas de 5 c.c.

SOLUÇÃO de Salicylato de Soda do D^r CLIN

Dosagem rigorosa - Pureza absoluta
2 gr. de Salicylato de Soda por colher de sopa.

SALICERAL

(Mono-salicyl-glycerina)

Linimento antirreumatismal

LICOR E PILULAS DO D^r LAVILLE

Anti-gottosas

1/2 a 3 colheres das de chá por dia.

SOLUROL

(Acido thymínico)

Eliminador physiologico do acido urico.
Comprimidos doseados a 0 gr. 25.

SYNCAINE

Ether para-aminobenzoico do diethylaminoethanol.
Syncaine pura em sal. — Soluções adranestheticsas.
Tubos esterilizados para todas as anestheticsas.
Collyrios.

ISOBROMYLL

(Monobromisovalerylurada)

Hypnotico e sedativo

Comprimidos doseados a 0 gr. 30 :
1 a 3 antes de deitar-se.

VALIMYLL

(Diethylisovaleramide)

Antiespasmodico

Perolas doseadas a 0 gr. 05 : 4 a 8 por dia.

TANACETYLL

(Acetylitanin)

Antidiarrheico

Comprimidos doseados a 0 gr. 25 : 1 a 3 por dose.
3 vezes por dia.

INJECCÃO CLIN STRYCHNO-PHOSPHARSINADA

Empólas de 1 c. c. (N^o 596 e 796).

Glycerophosphato de soda a 0 gr. 70. — Cacodylato de soda a 0 gr. 05. — Sulf. de strychnina a 1/2 milligr. (396) ou 1 milligr. (796) por c. c.

CACODYLATO DE SODA CLIN

Globulos de 1 cgr. — Gottas de 1 cgr. por 5 gottas.
Tubos esterilizados em todas as dosagens usuas.

METHARSINATO CLIN

(Syn. : ARRHENAL)

Globulos de 25 milligr. — Gottas de 1 cgr. por 5 gottas.
Tubos esterilizados de 5 cgr. por c. c.

VINHO E XAROPE NOURRY

5cgr. de iodo e 0 gr. 10 de tanino, por colher das de sopa.
Lymphatizmo, Anemia, Molestias de Peito.

ÉLIXIR DERET

Solução vinosa com base de Iodureto duplo de Tanino e de Mercurio.

De um a duas colheres de sopa por dia.

XAROPE de AUBERGIER

de Lactucario

2 a 4 colheres das de sopa por dia. 1631

A LYXANTHINE ASTIER

Granulado efervescente
anti - artrítico



Reune numa forma inédita

33% de princípios activos

Iodo
Enxofre } aceleradores da nutrição vascular e articular

Gluconato de calcio: modificador do metabolismo calcário

Bitartrato de lisidina: eliminador do ácido úrico

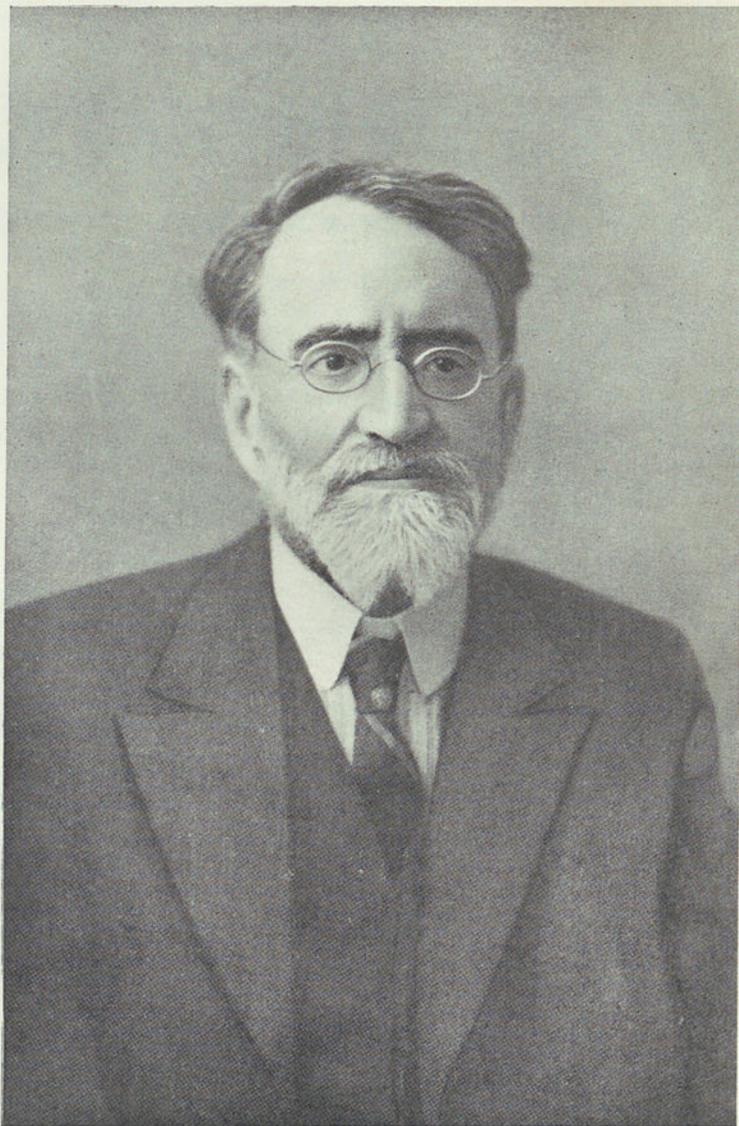
REALIZA A MEDICAÇÃO A PREFERIR NOS REUMATISMOS CRÓNICOS

Dose média: 1 a 2 colheres de chá em 24 horas

Literatura e amostras

LABORATOIRES ASTIER — 45, Rue du Docteur Blanche — PARIS
ou nos representantes

GIMENEZ-SALINAS & C.^a — 240, Rua da Palma, 246 — Lisboa



Miandrofore





SUMÁRIO

Artigos originaes

<i>Ricardo Jorge</i> , por Egas Moniz	Pág.	517
<i>Ricardo Jorge e o Pôrto</i> , por Almeida Garrett	»	564
<i>O Prof. Ricardo Jorge e o ensino médico</i> , por A. Celestino da Costa	»	573
<i>Uma grande figura portuguesa</i> , por Nicolau de Bettencourt	»	577
<i>Ricardo Jorge construiu a nossa higiene pública</i> , por José Alberto de Faria	»	582

RICARDO JORGE

«Ainsi, quand de tels morts sont couchés dans la tombe,
«En vain l'oubli, nuit sombre où va tout ce qui tombe,
«Passe sur leur sépulture...»

VICTOR HUGO.

Quando nos vimos pela última vez, após a sua operação, numa aparente fase de melhoras, recordou o meu abatimento após a agressão que me ia prostrando e exultou de satisfação por me ver em via de restabelecimento. Também o animei, embora lhe sentisse a febre, que voltava como mau prenúncio, e a sua compleição franzina se tivesse reduzido pelo sofrimento em acentuada tendência esquelética. Brilhava-lhe no olhar a mesma luz de sempre e na sua palavra notava-se a acentuação viva de outros tempos, deminuída pela fadiga e pelo quebramento da doença.

— «Não estou arrependido de me ter feito operar, não podia viver assim...», dizia-me corajosamente, como quem, encarando tôdas as possibilidades e até presentindo a pior, a considerasse como um termo lógico à sua já dilatada existência. Abraçámo-nos e, ao descer penosamente as escadas da Casa de Saúde, recordava a frase daquela mãe lacedemoniense que, tendo perdido o filho, herói da batalha de Maratona, exclamava: «Eu sabia que dando-o ao mundo êle não era imortal». A ciência a que RICARDO JORGE deu tanto fulgor não conseguiu ao menos demorá-lo mais tempo na actividade sempre útil a que se entregava, numa juventude psíquica que se mantinha com o brilho de sempre, e que nem o desgaste dos anos nem as contrariedades da vida conse-



guiram diminuir. RICARDO JORGE foi um trabalhador incansável, interessando-se pela investigação científica, histórica e literária, não se sabendo em que foi mais notável, se nos domínios da higiene, onde venceu a sua personalidade nos sínédrios internacionais, se nos domínios da literatura, onde deixa um nome consagrado e insubstituível. Ainda êste ano o vi entregue à sua tarefa científica, elaborando um relatório que levou ao «Office International d'Hygiène» de Paris. Era aí apreciado e admirado como um dos seus mais lídimos valores. Em Portugal poucos conhecem, e outros fingem desconhecer a notável e incansável actividade que desenvolveu nestes meios internacionais onde fêz brilhar o nome de Portugal, fora de exteriorizações e exhibições a que foi avêso. Era no silêncio do seu gabinete de trabalho que se ocupava da solução dos grandes problemas da saúde pública. Nas memórias que publicou, mesmo as ultimamente elaboradas, sente-se a pujança da sua rara e extensíssima ilustração, mantida íntegra, a-pesar-de já ter soado a hora dos oitenta.

No campo literário e artístico, nos domínios da história e da filologia, nas polémicas, em que a sua pena floreteava como arma acerada e sempre pronta a ferir o adversário, era RICARDO JORGE mais conhecido daqueles que o liam nos jornais. O homem de ciência era sobretudo apreciado por estranhos e pelos poucos que, entre nós, o acompanhavam na sua marcha triunfal. Espírito claro e arguto, irrequieto e audacioso, profundo e penetrante, elegante na forma e mordaz na crítica, deixa um rastro perdurável no meio intelectual português. Seria interessante que se fizesse uma edição da sua obra: das suas muitas monografias, cujas edições se esgotaram, dos seus trabalhos científicos espalhados por múltiplos opúsculos e relatórios, dos seus volumes literários, dos seus artigos dispersos; obra monumental, não tanto para consagrar o seu nome, que de tal não carece, mas a bem da ciência e da literatura portuguesa. Em outros países é vulgar esta demonstração de gratidão para os que, levantada e desinteressadamente, serviram a ciência e as letras. Como nos socos das estátuas de homens ilustres, bem cabia na portada do primeiro volume dessa obra a divisa: *A Pátria reconhecida*. Mas mesmo que assim não suceda, o nome de RICARDO JORGE ecoará, por anos sem fim, na História da Medicina, onde há-de sempre ocupar um lugar de elevado realce. No mundo literário os seus trabalhos marcam a altitude onde o elevaram o

peregrino engenho, o estilo opulento, o poder evocativo e a investigação histórica e artística, que todos admiram.

Um dia, desviado do meu caminho profissional, escrevi uma monografia sobre JÚLIO DENIZ. Atraía-me o romancista, mas mais ainda o poder fazer a identificação dos protagonistas de dois dos seus romances: *As Pupilas* e a *Morgadinha*, gizados e trabalhados em terras da vizinhança da minha aldeia. Não ousei porém lançar no mercado os volumes da obra, sem uma apresentação que justificasse a minha audácia em tal empreendimento. Foi em 1924. Procurei RICARDO JORGE para lhe pedir um prólogo, que ele aceitou fazer, a-pesar dos trabalhos que trazia entre mãos:

«Em hora mal azada, diz êle, entrou consigo a idea de antepor à sua monumental obra um prefácio de minha lavra e firma. Quando me salteou o imperioso desejo, trazia as meninges a suar com as misérias da vida oficial e com a urdidura penada de uma memória, recado de encomenda a levar à barra de um conclave cosmopolita de hygiene, sobre a febre tifóide nas sete partidas do mundo.»

Nesse prefácio relanceia o olhar pela velha Escola Médica do Pôrto, onde primeiro ingressou como Mestre, fotografando o ambiente escolar médico portuense na recordação de nomes que ainda andam nos ouvidos dos clínicos nortenhos, e mostrando os defeitos do ensino livresco que, salvo raríssimas excepções, era de regra na Faculdade e Escolas Médicas do país.

RICARDO JORGE opôs-se à rotina com vantagem, e fazendo côro com o que os outros vinham de há tempo verberando: «GOMES COELHO carpia-se de ter de ir para a aula servir de eco aos compêndios», foi mais longe, procurando remediar o defeito. Trouxera dos seus estágios de Estrasburgo e Paris novas directrizes e incitamentos. «Por um esforço de autodidáctica, diz RICARDO JORGE, trabalhei uns poucos de anos em histologia e fisiologia experimental, introduzindo-as no ensino da casa, passando depois para as mãos de PLÁCIDO DA COSTA, um micrologista hábil desde os bancos da Politécnica».

Numa espécie de auto-retrato pretende RICARDO JORGE descortinar as razões que me levaram a pedir-lhe a apresentação do meu trabalho sobre JÚLIO DENIZ.

Diz assim: «Com a sua palavra repassada de unção e sedução, quis-me V. mostrar, como inculca de prefaciador, que de me-

nino e môço me abalancei, médica e não mèdicamente, a trilhar os ínvios da história, da arte e da literatura, delitos que a velhice não soube nem quis corrigir, antes agravou, — que respirei *in illo tempore* o ambiente escolar onde perpassou como visão efémera o lente GOMES COELHO, — que, emfim, rascunhei uns artigos saüdosos sôbre o escritor da *Flor dentre o Gêlo*, colunas de prosa perdida que só aos seus olhos luziram.»

Desejo, nesta hora de saüdade, que aqui fique registado o meu reconhecimento, como em vida lho fiz sentir, pela valorização dada à minha biografia do grande romancista portuense. Trabalho primoroso o do seu prólogo, em que procurou lisonjear-me pondo em relêvo os encantos da região onde nasci e onde espero descansar um dia: a várzea e os canais da Ria de Aveiro, o ambiente sadio e característico das aldeias ribeirinhas, a limpidez das águas, a labuta dos seus homens do mar...

Berço do meu nascer, solo querido
Onde cresci e amei e fui ditoso;

como escreveu FAUSTO GUEDES TEIXEIRA.

«Por êsse rincão, desdenhado pelo mau gôsto do indígena, escreve RICARDO JORGE, de bem maior beleza que o holandês, habitado pela raça portuguesa mais formosa e de mais doce carácter, onde se conserva ainda o traço da Murtosa — o melhor padrão pitoresco da nossa indumentária — por êsse rincão saüdosos me levaram em pequeno à peregrinação de S. Paio da Torreira. Ia encantado com o deslizar do barco pela Ria abaixo, levado à vara pelo tripulante a correr de pé descalço sôbre a borda. Ressurgiu-me esta visão, tão risonha de luz e colorido, das terras e dos canais vareiros, ao ver-me pela primeira vez dentro duma gôndola pela laguna de Veneza, onde, por contraste, só descortinava negruras, na água, no canal, no barco e até no passageiro.»

*

* *

Nasceu RICARDO JORGE no Pôrto. Através de tôdas as vicissitudes e desgostos a que a população portuense o votou em hora aziaga e a que teremos de referir-nos, RICARDO JORGE nunca esqueceu o seu burgo querido, evocado amiúde em muitos dos

LISBOA MÉDICA

DRYCO

Tratado pelos Raios Ultra-Violetas

Assegura uma alimentação de leite admiravelmente apropriada para um desenvolvimento rápido e vigoroso, promove a formação de ossos e dentes fortes e perfeitos.

DRYCO é o leite IDEAL

Especialmente preparado para a

**alimentação
infantil**

Pedir amostras e literatura aos depositários para Portugal e Colónias:

Simenez-Salinas & C.^a

Rua da Palma, 240-246

L i s b o a



UM NOVO PROGRESSO NA
QUIMIOTERAPIA SULFAMIDADA

Dagenan

α (p. amino - fenil - sulfemido) piridina
Corpo 693

TOXICIDADE MÍNIMA

ACTIVIDADE POLIVALENTE

exercendo-se principalmente sôbre:

PNEUMOCOCO

*na pneumonia mortalidade dimi-
nuída de 2/3.*

GONOCOCO

MENINGOCOCO

ESTAFILOCOCO

Comprimidos doseados a 0,50 grs.

Adultos: dose média nos primeiros
dias: 3 gramas —————

Literatura e amostras, a pedido

SOCIÉTÉ PARISIENNE D'EXPANSION CHIMIQUE "SPÉCIA"
MARCAS «POULENC FRÈRES» E «USINES DU RHONE»
21, Rue Jean-Goujon, PARIS (8e)

REPRESENTANTE PARA PORTUGAL:

SOC. COM. CARLOS FARINHA, LDA.
30, Rua dos Sapateiros — LISBOA

seus trabalhos. A paisagem prende-o; a vida do seu tempo, em que brilhavam no Pôrto cérebros do melhor quilate, cintila-lhe na alma e acode-lhe ao bico da pena em reminiscências que engasta, com arte, nos seus livros e artigos; seduzem-no as características do povo, tradições, heroicidade e bravura em tantas emergências manifestada e até as folias e cantares, folclore nortenho de rústico ressaibo, lembrados a cada passo. Vive intensamente a saudade da terra natal. Como disse HERCULANO:

Céu livre, terra livre e livre a gente,
Paz íntima e saudade, mas saudade
Que não dói, que não mirra e que consola...

No seu livro *População do Pôrto*, peça científica e literária das mais perfeitas que conheço, em que se alia à pureza de um estilo frondoso e límpido o estudo profundo e documentado das origens da sua cidade querida, hino evocativo de glórias passadas, dedicado à Memória de sua Mãe, escreve RICARDO JORGE, subordinadas ao título «Ex imo», palavras repassadas de elevada sentimentalidade para seus pais. Cabe aqui, porque é documento genealógico de valia, em que transparece o orgulho das nobres qualidades da gente trabalhadora e honrada donde proveio.

Fala de sua mãe:

«Inspirou-me o escrever e o ler. Com ela aprendi a admirar o grande CAMILO, que então enfeitava de romance português de lei os folhetins do *Comércio do Pôrto*. Ansiosa do antigo, contava-me o que sabia da história de Portugal, repetia-me as narrativas do antiquário VILHENA DE BARBOSA, guiava-me através do Pôrto velho, animando-o com as vivas reminiscências da infância e as tradições hauridas da mãe, uma santa velha a quem ainda na primeira meninice escutei boquiaberto histórias infantis. Se nas páginas que seguem, vislumbra alguma inclinação pelas coisas do passado, algum amor por esta terra que nos foi berço comum, bebi-o no seu seio, onde pulsava ainda o extinto fanatismo do tripeiro pelas glórias da cidade, e a memória envaidecida do pai, um bravo obscuro do povo que largara o martelo para empunhar a espingarda nas linhas liberais do Pôrto.

«Belas madrugadas de inverno! Como eu as revejo nesta doce compunção das saudades da infância. A pequena casa cedo se enchia de moirejar do trabalho; antes do dia, ainda em *casa*

de Cristo, para cada um nascia a sua canseira. Apegado ao calhaço do latim aconchegava-me à beira da minha mãe; girava o fuso ou rodava a dobadoira, e ela a dizer lendas e contos ou a cantar os romances populares, ora duma caridade mística, como o *Lavrador da Arada*, ora vivamente dolentes, como a *D. Silvana*, que não posso ouvir hoje sem uma ebulição de lágrimas.

«Em baixo, resfolegava a forja, soprando para a rua um clarão vermelho; a espaços chispava o martelo cadente na safra; enquanto não caldeava o ferro, meu pai cantava contente a sua moda predilecta:

Meu filho, eu tive um sonho
Qual era do meu agrado...

«Esse sonho, coitado, era o nervo do seu braço incansável; o refrigério daquela fronte gotejante de suor com que amassava, dia a dia, o futuro do filho, tal qual lho retratava a fantasia. A cada passo vencido nessa esteira, exultava. Estou a vê-lo, à volta dos exames, na porta da oficina, a enxugar o rosto, traçando o avental crivado de faúlas, com um sorriso tão fundo e tão aberto, que me ensoberbecia. Fiquei a amar o DIDEROT quando lhe li o desvanecimento com que da aula trazia as coroas dos prémios ao ferreiro de Langres.»

!Quadro realista de funda evocação dos tempos da infância, em que a luz refulgente da forja e a toada melancólica dos rimances se juntam, numa apoteótica saúdação, aos seus progenitores! Lugar selecto que fica na literatura portuguesa, é ainda o reflexo da sua estrutura de portuense da gema, gente modesta e laboriosa, irreconciliável com a fidalguia de Riba e Além-Douro, que «devassava a cidade em arruaças e brigas» prejudicando o trabalho e a honestidade dos lares. O Pôrto resolveu «votar ao ostracismo as gentes fidalgas»; proibiu-lhes redondamente que na cidade possuíssem prédios ou quaisquer bens e que nela estacionassem. Só o trânsito lhes era facultado e, quando muito, pousada não superior a três dias.

Consequira que os reis lhe mantivessem esta prerrogativa, e os burgueses da cidade, orgulhosos do seu trabalho, souberam sustentar e manter o privilégio através dos anos, nos tribunais e nas cortes, levando de vencida os mais valiosos fidalgos e até os favoritismos régios.

Esse passado é ainda hoje, em que as influências heráldicas não contam, motivo de orgulho em muitos tripeiros. RICARDO JORGE não podia fugir à regra e o seu orgulho de ascendência sã, glorificada no trabalho, devia reflectir o seu modo de sentir, como filho do burgo bem amado. Seu pai teve oficina de ferreiro na Rua do Almada. Aí viveu o Mestre os anos da sua mocidade até alcançar a carta de Médico-cirurgião, aos 21 anos de idade. A sua dedicação à família continua a manifestar-se mais tarde, pelo affecto consagrado a sua espôsa, D. LEONOR MARIA DOS SANTOS JORGE: «À alma pura e bemdita, centro e razão última da minha existência, de quem vivia e para quem vivia, minha única alegria e minha única dor; Àquela que era o que de bom e de melhor havia em mim» — dedica um dos seus livros. A educação de seus filhos deu os melhores cuidados, trazendo-os sempre, pela vida fora, no mundo das máximas preocupações.

*

* *

Se RICARDO JORGE nem sempre foi estimado pelos portuenses, êle é que nunca esqueceu a sua cidade natal.

Na sua obra constantemente o recorda a-propósito de assuntos os mais diversos. O Pôrto é o *leit motiv* obrigatório de todos os admiráveis descritivos das suas crónicas eruditas.

A-propósito da Inglaterra, mostra a influência da gente inglêsa na vida portuense:

«O Pôrto tornara-se uma terra impregnada de anglicismo, graças à sua poderosa colónia britânica, ali foqueada pelo comércio de *portwine*: À sua praça comercial chamava a rua dos Inglêses, tão dêles era, rematada pelo tôrvo e imponente edificio da sua Feitoria. Em hábitos, costumes e até na linguagem se divisam os laivos desta influência. Apegaram-nos os seus nomes culinários de *lanche*, *pudim*, *quéque*, *sanduche*, *bife* — o bife tão característico da sua comezaina que passou, entre nós, a alcunhar pejorativamente o inglê».

Nas evocações de festas e costumes surge a vida portuense, sempre recordada com louvor, naquela linguagem sintética e colorida da sua prosa inconfundível. Acodem-lhe constantemente as recordações do pátrio ninho. Para o tripeiro, o Pôrto é a

Pátria, para RICARDO JORGE a sua Pátria querida. Nas povoações que vivem sob a influência directa da cidade, também a capital nortenha é a terra preferida :

Lisboa é coisa boa,
Mas o Pôrto
Dá-lhe pelo rosto,

dizem na minha aldeia, satisfeitos de ver que o Pôrto ombreia, pelo menos, com Lisboa. De Aveiro para cima o Pôrto é o centro estimado por excelência e mesmo aquêles que, pelos azares da vida, são arrastados para o sul, guardam na sua retina a visão apoteótica, entronada, da cidade onde as tôrres têm a altivez da raça que deu origem a Portugal e a corrente forte do rio recorda a vigorosa actividade dos seus habitantes.

O nosso pátrio Douro que sombrio,
Em torturado leito se revolve...

escreveu JÚLIO DENIZ.

RICARDO JORGE é, através da sua vasta obra literária, o grande cronista do Pôrto do seu tempo e até do passado da cidade. Referindo-se ao *tango* que encontrara em Paris, e a que dedica uma crítica severa, recorda os divertimentos coreográficos da terra bem-amada, referindo um episódio de que, mesmo os mais velhos não terão reminiscência: «Não há mais dum século, escreveu RICARDO JORGE, que no dia de S. Gonçalo, as colarejas dos mercados do Pôrto entravam de roldão pela Sé dentro em descantes e bailados, à face da assistência sacerdotal do cabido. De frente do altar do orago, arregaçados até aos coses os saiotes de baeta crepe e as anáguas de linho, erguida a perna sôlta da chinelas, cantavam em prece ao seu rico S. Gonçalo, ao S. *Gonçalinho* que lhes dêsse fôrça como ao porco no focinho».

Esta nota do passado, acompanhada de apreciações que não vêm para o caso, mostra a erudição de RICARDO JORGE sôbre antigos costumes portuenses, adquiridos na tradição oral ou na rebusca de velhos documentos. Mas o que êle presenciou na sua juventude merece-lhe descrição do mais vivo colorido. Não me esquivo à tentação de deixar aqui exarado o que o Mestre escreveu sôbre a noite de S. João, do Santo querido do Pôrto, com

evocações ao ambiente político e às estúrdias da noite estival que por todo o país e, particularmente no norte, tem o cunho pagão que rescende a remotas eras. Escreve RICARDO JORGE: «S. João da minha terra, S. João da minha mocidade! eram três os S. S. Joões do Pôrto — da Cedofeita, da Lapa e do Bomfim. GARRETT lembrava-se desta trindade arrebanhada pelos partidos militantes: o de Cedofeita era miguelista, o da Lapa constitucional e o do Bomfim republicano. O lábaro do Baptista e o seu cordeiro manso a servirem de divisa a partidários esturrados, desta só a política é capaz, tirana de todos os santos do céu e de todos os diabos do inferno. No meu tempo o S. João da Cedofeita andava já a tocar ao viático, prestes a desaparecer, como de-facto, lembrado apenas na cantiga:

Na noite de S. João
 Bem t'lo é quem se deita
 P'ra tomar as orvalhadas
 Nos campos da Cedofeita.

«Foi-se a romaria aos campos rociados que a cidade, pejando para o poente, retalhou de ruas, avenidas e casario. Jogavam as cristas na compita da festança o da Lapa e o do Bomfim:

O S. João da Lapa
 Escreveu ao do Bomfim,
 Visse bem o que fazia,
 Que a coisa não ia assim.

«O da minha infância era o da Real Capela onde jaz o coração do dador, como se dizia em estilo do tempo...»

RICARDO JORGE, apreciando o Pôrto sob o aspecto histórico, eleva-o às maiores culminâncias. De feito a capital nortenha desempenhou sempre, no desenrolar da vida da nação, um papel preponderante que nenhuma outra cidade igualou. Nas grandes convulsões da vida pátria êle toma logo posição, em geral a mais digna e a mais alevantada. Não se poupa a sacrificios nem a cansaças. Vem de longe e o Mestre portuense sabe-o como poucos. A-propósito do movimento vivificador do Mestre de Aviz, escreve:

«Aos fidalgos renitentes, indecisos e acovardados, moveram-nos os patriotas portuenses, com instâncias e sobretudo a pêso de ouro, a entrar ao serviço do Defensor; tiveram de lhes com-

prar a adesão *porque d'outra guisa ho não quiçeram fazer* os grandes senhores, senão com a escarcela atulhada pelos vilãos, pródigos de dinheiro como de nobreza patriótica. Ao próprio caudilho lendário, NUNOALVARES, à passagem d'ele pelo Pôrto lhe entregaram avultada soma. Aos capitães da histórica batalha de Trancoso deram dinheiro os nossos homens bons. Ao rei fizeram sucessivos empréstimos, cedendo-lhes inclusivamente as mercadorias carregadas que, vendidas no estrangeiro, lhe renderam dez mil francos, com que foram pagos os archeiros e mercenários inglêses».

Para mostrarmos à luz de documentário da sua lavra quanto RICARDO JORGE era portuense, bastam as transcrições feitas. Muitas mais e, sôbre variados assuntos, havia a fazer, se outras facêtas da sua prolífica actividade não devessem aqui ser especialmente focadas. Na sua alma nunca se abrigou rancor algum contra a cidade que o viu nascer, que serviu desinteressadamente e que tão mau pago lhe deu quando descobriu a peste em 1899, sem o que a epidemia teria alastrado, sendo o Pôrto, naturalmente, uma das suas principais vítimas.

Alma grande, não gizava a sua conduta à mercê das apóstrofes e violências com que pretenderam atingi-lo. Quando, nesse mesmo ano de 1899, deu à estampa o seu magistral volume sôbre a *Demografia e Higiene da cidade do Pôrto*, que dedicou à Câmara Municipal da «muito nobre e leal cidade», com um bosquejo histórico do desenvolvimento do burgo, dados populacionais que há 37 anos aproveitei para a minha dissertação do Acto grande, em Coimbra; quando RICARDO JORGE, médico do senado municipal, escreveu essa obra do maior interêsse, lançou o primeiro brado em prol de uma campanha sanitária. Poucos meses depois a invasão bubónica da cidade vinha dar-lhe razão e mostrar a necessidade que havia em remodelar na topografia citadina o que era absolutamente indispensável ao seu progresso higiénico. Foi RICARDO JORGE o primeiro português que, no campo médico, lançou o pregão em favor da estatística, barómetro que o higienista tem constantemente de compulsar e de seguir nas suas oscilações, apreciando as causas das máximas e das mínimas da mortalidade. Esse trabalho de RICARDO JORGE, que fôra precedido por alguns outros, marca a individualidade do cientista que havia mais tarde de dar leis nos conclaves internacionais de Higiene.

RICARDO JORGE, nas suas peregrinações, procurou sempre levantar alto o nome português. Patriota de alma e coração, delega em Portugal, constantemente presente no seu espírito, por longe que dêle esteja, as honras que lhe são concedidas, mercê do seu talento e do brilho da sua palavra, escutada com respeito e admiração nos Congressos e Reuniões científicas. Descrevendo um banquete em Londres, em seguida a um Congresso da História da Medicina, onde perorou em prol da nossa cultura médica de antanho, escreve :

«Os grandes dos grandes países podem não se preocupar com a topografia das suas pessoas em tórno destas távolas redondas; como para o fidalgo da conhecida anedota de D. Quixote, onde quer que o sentem, está à cabeceira. Não assim o pequeno dum país pequeno, mais naturalmente acessível a deixar-se ferir ou lisonjear na sua soberba, o justo pecado dos humildes. Lembro-me do assômo de satisfação sentida quando nos almoços do Hotel Grillon, oferecidos à Conferência sanitária inter-aliada durante a guerra, onde estavam representadas tôdas as nações aliadas e as maiorais em número e brilho, me vi colocado no harpão da ferradura, à ilharga do anfitrião, ministro, de que me separava apenas um dos delegados da Grã-Bretanha, chefe do serviço de saúde indiano, General e *Sir*. Satisfação, não a pessoal de quem nunca buscou honrarias, mas a nacional, a dum país de quem lá fora se ignoram ou se desprezam homens e coisas, sabe Deus às vezes com que justiça.»

Outros trechos deviam aqui ser trasladados para mostrar quanto RICARDO JORGE procurou elevar o bom nome de Portugal, à custa dos seus méritos, que todos lhe reconheciam, muito mais os estranhos que os nacionais.

*

*

*

Através da obra de RICARDO JORGE conheço a vida da velha Escola Médica do Pôrto, tanta vez a ela se refere nos seus escritos. ¡E por que maneira o faz! ¡Quanta devoção há nas suas palavras, quanta justiça benevolente na apreciação dos colegas, quantas evocações de amigos que perduraram pela vida fora! Muitas vezes nas nossas conversas — eu visitava-o amiúde — fa-

lávamos da actual Faculdade de Medicina do Pôrto. Conheci-a como se ainda a ela pertencesse e dedicava-lhe amizade, acompanhada de ternura e emoção. Fôra nessa Escola que se criara e chegara a professor, foi ali que nasceram os primeiros amores pela medicina, senhora nem sempre de preclaras virtudes, a que ambos nos devotámos. Compreendia-o nos sentimentos que me confidenciava. Também vim para Lisboa, transferido da Faculdade de Medicina de Coimbra, onde me eduquei e fiz gente. Tenho por ela o carinho de um filho afastado pelas circunstâncias da vida, mas sempre grato à Casa-Mãe. E hoje, que já desapareceram da vida escolar activos todos os meus professores (só dois existem aposentados), onde estão em minoria os lentes da minha geração e os que foram meus discípulos, sinto-me imensamente honrado pelas constantes demonstrações de affecto com que me rodeiam. Os novos que já não conheci na vida escolar, acompanham os que conviveram comigo. A todos devo múltiplas atenções: bálsamo consolador, espiritual ambrósia a minorar as agruras da vida áspera da nossa profissão. A ela se junta a sincera amizade dos condiscípulos a que RICARDO JORGE igualmente se referia nas suas conversas, irmanados ambos nas recordações e saúdades dos tempos idos. Muitas vezes lembrámos os nomes dos seus companheiros de trabalhos escolares no decorrer do curso: JÚLIO DE MATOS, MAXIMIANO DE LEMOS, SAMPAIO BRUNO e outros para quem elle tinha sempre palavras de carinho e estima. Arquivaremos êste passo, referente à Escola Médica do Pôrto: «A escola portuense do tempo, escreve RICARDO JORGE, merecia um relance; nela demoravam professores de mérito e talentos. O ensino da anatomia era feito modelarmente — não sei onde ao tempo nas escolas estrangeiras se fizesse melhor — e a clínica cirúrgica era regida por um operador de primeira grandeza, ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA, figura primacial da cirurgia nacional que à vontade ombreia com ANTÓNIO MARIA BARBOSA. Havia homens doutos de raro brilho no saber e na palavra, como LUIZ ANTÓNIO e o egresso CAMARA SINVAL, com quem CAMILO se relacionou desde estudante.»

RICARDO JORGE voltou um dia, muito mais tarde, em 1921, a falar numa das salas da Universidade do Pôrto, quando fôra incumbido de fazer uma conferência no Congresso Luso-Espanhol, que intitulou: «A inter-cultura de Portugal e Espanha no Passado e no Futuro». Recorda a casa onde se fêz homem e em que pro-

ARSAMINOL

(Arsenico pentavalente)

Solução com a concentração de 26,13%
de "3 acetylâmimo 4 oxyphenylarsinato de diethylaminoethanol"
Um centimetro cubico corresponde a 0 gr. 05 de arsenico.

**Medicação arsenical rigorosamente indolora
pelas vias subcutaneas e intra-musculares.**

FRACA TOXIDEZ — TOLERANCIA PERFEITA — NADA DE ACUMULAÇÃO
SEGURANÇA DE EMPREGO EM DOSES ELEVADAS ACTIVAS

SIPHILIS :- HEREDO-SIPHILIS

(Tratamento de assalto e de estabilisação terapeutica)

PIAN — TRYPANOSOMIASES — BOTÃO DO ORIENTE PALUDISMO

Modo de usar: em "doses fortes", injectar 5 cc. duas vezes por semana (apòz verifica-
ção da ausencia de intolerancia arsenical).

em "doses fraccionadas repetidas", injectar 3 cc. todos os dias por
series de 12 a 16 injeções.

Empolas de ARSAMINOL de 3 cc. (0 gr. 15 de As) e de 5 cc. (0 gr. 25 de As).

LABORATORIOS CLIN COMAR & C^{ie} — PARIS

GIMENEZ-SALINAS & C.^o, 240, Rua da Palma, 246 — LISBOA

D. P. 158

PREPARAÇÕES COLLOIDAES

(Metaes colloidaes electricos de pequenos grãos.

Colloides electricos e chimicos de metalloides ou derivados metallicos).

ELECTRARGOL

(Prata)

Ampollas de 5 c.c. (Caixa de 6 ampollas)
Ampollas de 10 c.c. (Caixa de 3 ampollas)
Ampollas de 25 c.c. (Caixa de 2 ampollas)
Frascos de 50 c.c. e de 100 c.c.
Collyrio em amp. conta-gott. de 10 c.c.
Pomada (Tubo de 30 gr.)
Ovulos (Caixa de 6).

ELECTRAUROL (Ouro)

Ampollas de 1 c.c. (Caixa de 12 ampollas)
Ampollas de 2 c.c. (Caixa de 12 ampollas)
Ampollas de 5 c.c. (Caixa de 6 ampollas)
Ampollas de 10 c.c. (Caixa de 3 ampollas)

ELECTROPLATINOL (Platina)

ELECTROPALLADIOL (Pó)

Ampollas de 5 c.c. (Caixa de 6 ampollas)
Ampollas de 10 c.c. (Caixa de 3 ampollas)

ELECTRORHODIOL (Rhodio)

Ampollas de 5 c.c.
(Caixa de 3 e 6 ampollas).

ELECTR = Hg (Mercurio)

Ampollas de 5 c.c. (6 por caixa).

Todas as doencas infecciosas sem especificidade para o agente pathogenico.

N. B. — O ELECTRARGOL é egua mente empregado no tratamento local de numerosas affecções septicæ (Anthrax, Oites, Epididymites, Abscessos do Seio, Pleuresia, Cystites, etc.)

Todas as fórmas da Syphilis.

ELECTROCUPROL

(Cobre)

Ampollas de 5 c.c. (6 por caixa)
Ampollas de 10 c.c. (3 por caixa)

ELECTROSELENIO

(Selenio)

Ampollas de 5 c.c. (3 por caixa)

ELECTROMARTIOL

(Ferro)

Ampollas de 2 c.c. (12 por caixa)
Ampollas de 5 c.c. (6 por caixa)

ARRHENOMARTIOL

(Complexo ferro colloidal + Arsenico organico)

Ampollas de 1 c.c. (12 por caixa)

COLLOTHIOL (Enxofre)

Elixir — Ampollas de 2 c.c. (6 por caixa). — Pomada.

IOGLYSOL (Complexo Iodo-glycojenio)

Ampollas de 2 c.c. (12 por caixa)

ELECTROMANGANOL (Manganez)

Ampollas de 2 c.c. (6 por caixa).

Cancro, Tuberculose, Doencas infecciosas.

Tratamento do Cancro.

Tratamento do Syndroma anemico.

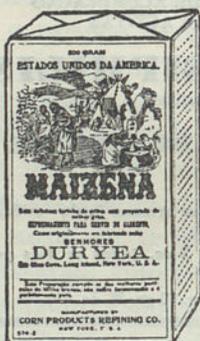
Todas as indicações de Medicação sulfurada.

Curas iodada e iodurada

Affecções estaphylo. coccicas.

LISBOA MÉDICA

MAIZENA D'URVEA



Sem qualquer agente químico.

A mais pura de todas.

90 % d'Hidrato de carbono.

3.550 calorias por kilo.

Perfeita e rápida digestibilidade
ainda ao estômago mais delicado.

80 anos de sucesso em todo o mundo

Tratamento específico completo das **AFECÇÕES VENOSAS**

Veinosine

Drageas com base de *Hypophyse* e de *Thyroide* em proporções judiciosas,
de *Hamamelis*, de *Castanha da Índia* et de *Citrato de Soda*.

PARIS, **P. LEBEAULT & C^o**, 5, Rue Bourg-l'Abbé
A' VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS.

AMOSTRAS e LITTERATURA : **SALINAS**, Rua da Palma, 240-246—LISBOA

fessou logo após a formatura. Contém esta preciosa confissão: «Tanto tempo se volveu, que nem estas paredes me conhecem, e eu próprio me desconheço ao ver-me no seu recinto. Tudo está mudado, e eu o mais mudado, menos o sentimento fixo que vinte e dois anos de exílio não deliram, tão vivo hoje como no instante do meu forçado afastamento.»

Não há muito que, sob o título «Beati Mortui», publicou RICARDO JORGE no *Portugal Médico* (1937) a identificação dos professores fotografados em conjunto, de grande uniforme, em 1881, artigo particularmente curioso em que, fazendo o retrato de cada um, focando muito deles em flagrante, lança sôbre todos os antigos camaradas a bênção da sua benevolência. Sôbre todos, não; há uma excepção: «Ao lado uma figura aberrante, a de URBINO DE FREITAS. Veio a afogar-lhe o nome a mais triste das celebridades. À data tinha adquirido a infelicidade de ser pouco considerado e menos bem visto, tanto dos colegas, como dos estudantes.»

RICARDO JORGE era ao tempo do seu artigo o único sobrevivente dos dezasseis fotografados, faltando apenas dois para que o elenco professoral estivesse completo. É por muitos motivos curioso o final da notícia, repassada de unção e de presságios: «Paz a todos êles, duas vezes extintos, em cujas campas bruxuleia hoje a candeia da alma dêste epicídio. Quando êste macróbio, redivivo daquela geração, se lhes fôr juntar no além, que êles o recebam entre as sombras com o mesmo carinhoso acolhimento com que lhe deram outrora guarida, — das faixas infantis saído apenas.»

No final do curso, defendeu a sua tese, em que mostrava, pelo assunto, tendência para os estudos neurológicos — *Um ensaio sôbre o nervosismo* (1879). No ano imediato apresentou-se no concurso para professor da Escola Médica com a seguinte dissertação: *Localizações motrizes no cérebro*. O caminho estava iniciado. Seguiu em 1883 para Estrasburgo e de lá passou por Paris, onde freqüentou a clínica de CHARCOT, na Salpêtrière, familiarizando-se assim com as Doenças Nervosas, que começavam a separar-se, com proveito, da Medicina Geral. É de sua lavra a seguinte apreciação do grande impulsionador da Neurologia moderna:

«Na Salpêtrière, CHARCOT, em vez de teatro acústico, criara um teatro visual, graças a GAMBETTA, com bastidores e projecções eléctricas, onde desfilavam as procissões de doentes, amestrados

já para a exhibição pública. Contra-regra de primeira ordem, afixava a imponente careta napoleónica e chegava a roçar pela cabotinagem dum Tartarin de Hospital quando celebrava sessões de acrobacia de histéricas, onde acorria o Paris mundano dos salões e dos palcos com as fedúncias mais espaventosas e flatulentas da grande roda. Mas o Mestre era grande, pertencia à raça dos clínicos geniais; tinha o génio da observação e do descobrimento; à fôrça de paciência e de exame, arrancava do caos da patologia nervosa espécies novas, soberbamente traçadas. E todos os recursos de investigação auxiliares, todos os meios laboratoriais e técnicos, todos, sem excepção, os agregava em tórno, num esforço único de associação didáctica. JACCOUD não passava dum eco passivo e subalterno do meio alemão; CHARCOT era um seguidor activo e independente do poderoso método germânico.»

Nesta apreciação feita, passadas algumas décadas, sôbre a visão do genial médico francês, divisa-se ainda a paixão pela especialidade que dava então os seus primeiros passos, e o interêsse que estes assuntos lhe mereciam. RICARDO JORGE, regressando ao Pôrto, lança-se na clínica, dedicando-se especialmente a doenças nervosas, sôbre que ainda publicou trabalhos como: *De l'électrométrie et de l'électro-diagnostic à propos de la paralysie faciale* de CH. BELL (1888) e *A Acromegalia — Um caso clinico* (1891). No tempo em que iniciou as suas conferências sôbre hygiene social, fazia também uma outra série sôbre Doenças Nervosas, pondo o público médico portuense em contacto com as novas aquisições obtidas neste ramo da medicina. Foi nessa época que passou a ser médico assistente de CAMILO CASTELO BRANCO, de quem foi íntimo amigo, tendo-o acompanhado, até final, na evolução da tragédia mórbida que o turturou e o levou à cegueira irreparável. O espírito irrequieto de RICARDO JORGE não era propenso à mecânica pautada da clínica privada: aspirava a desferir mais levantados vôos. Deambulava entre a Neurologia, ainda mal individualizada, e a Higiene, de cuja cadeira foi professor catedrático. Acabou por a preferir como matéria do seu melhor agrado.

São dessa época os seus trabalhos experimentais sôbre *fluoretos alcalinos* e as duas memórias, hoje raras, escritas sôbre as *Termas do Gerez*. A hidrologia-médica interessou-o por uns anos. Escreveu ainda a monografia: *Une nouvelle classification des eaux minérales*, que apresentou no Congresso de Besançon, da Associa-

ção francesa para o avanço das ciências. Era estudo da sua predilecção e, muitos anos volvidos, ainda dava leis nesse capítulo terapêutico, a que sempre ficou ligado, pela prática e pelos conhecimentos adquiridos.

RICARDO JORGE não foi apenas um extraordinário polígrafo, cuja obra é um ensinamento e um estímulo para os estudiosos; foi, cumulativamente, um conversador erudito, de notável relêvo de frase e de conceito. Ensinava sem dar por isso, preleccionava naturalmente, mesmo na intimidade. Todos os que privaram com o Mestre estão aí a atestá-lo e não só nos domínios da medicina, mas em muitos outros por onde passou a sua curiosidade de estudioso e o seu raro engenho de investigador, de cientista e de letrado.

Afastado da clínica, RICARDO JORGE enveredou, com brilho invulgar, pelo campo da Higiene. É nesse ramo da Medicina que êle se torna verdadeiramente célebre, aquém e além fronteiras. Dado a publicações periódicas de cultura e de medicina, dirigiu primeiro a *Revista Científica*, em que colaboraram, entre outros, OLIVEIRA MARTINS, RODRIGUES DE FREITAS e BERNARDINO MACHADO, e mais tarde, o *Boletim mensal de estatística sanitária*, largo repositório de dados colhidos nos arquivos municipais do Pôrto. Já nos referimos às suas publicações demográficas sôbre a cidade do Pôrto, de altíssimo valor. Merecem, porém, especial menção os seus trabalhos, realizados com CAMARA PESTANA, sôbre uma epidemia de diarreia de grande difusão aparecida em Lisboa em 1894 e 1895, em que os dois ilustres bacteriologistas marcaram as suas posições científicas, tendo RICARDO JORGE dado à estampa um volume: *A epidemia de Lisboa de 1894-1895*, que foi justamente apreciado. Seria interessante, se o espaço o consentisse, rememorar aqui as discussões apaixonadas que ao tempo enchiam as colunas dos periódicos, especialmente os de Lisboa e de que ainda me recordo, pois iniciava, ao tempo, o curso médico na Faculdade de Medicina de Coimbra. RICARDO JORGE soube impor a sua maneira de ver, documentada em factos clínicos e observações bacteriológicas, de sorte a desfazer tôdas as dúvidas. É dessa época a memória publicada no *Zentralblatt für Bacteriologie* (1896) — «Ueber einer neuer Wasser Vibrio».

Também é digno de registo o seu estudo de 1896, sôbre *A difteria no Pôrto* e a célebre consulta da Comissão Municipal de

Saneamento, que corre sob o título — *Saneamento do Porto* — primeira arremetida para obra de maior tómo. Êste trabalho foi publicado em 1897. Pouco tempo depois, em 1899, em que o seu *Boletim mensal de estatística sanitária* alcançou o VII ano, dá a lume o primeiro estudo sôbre a *Demografia e Higiene da cidade do Pôrto* (I vol.). Ê nesse mesmo ano que aparece a peste bubónica na cidade que o incumbira de velar pela sua saúde colectiva. Apegado aos seus deveres profissionais, não trepida um momento, na descoberta da insólita epidemia que lhe bateu à porta, e seguro do seu diagnóstico, tomou como divisa: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*. A verdade, infelizmente, nem sempre agrada, especialmente quando os interêsses individuais são atingidos.

Façamos um pouco de história dos acontecimentos que tanto marcaram na vida do nosso biografado.

*

* *

No livro — *A peste bubónica no Pôrto, 1899* — vem em seguida à portada, cópia duma carta de D. João II *aos vereadores, p.^{dor} e procurador dos mesteres do Porto*, datada de 1493, em que RICARDO JORGE, sem um comentário, quis evocar do passado, situação similar à sua. Quatro séculos volvidos não conseguiram alterar o sentir das gentes.

A mesma causa determinou os mesmos efeitos, tanto mais que o meio em que os factos se desenrolaram tinham a mesma estrutura fundamental. Diz El-Rei na sua carta: «*Mestre Josep, fisico, morador nessa Cidade, sse veeo ora a nos, e nos disse como por elle dizer na camara, e asy a outras pessoas, que na cidade avia algũus doentes de pestinẽça, que elle curara, que vos vos queixarees muyto com elle, e mādarees dar juramento aas ditas pessoas, as quaaes disseram q̄ nom eram doentes do dito mall; E asy mesmo mādareis lla outros fisicos, q̄ asy o disseram; polla quall causa vos o degradareis dessa cidade, p.^r elle dizer o q̄ lhe pareçia nessa caso*».

A suspeita da peste provocara no século xv reacção idêntica à que a descoberta da sua incursão no Pôrto determinou em fins do século xix, alvorecer do século xx. Mas as condições em que agora se produzia acontecimento similar, eram um pouco diversas. As

LABORATÓRIOS
SICLA

SALIDRIL

"SICLA,"

SOLUTO ASSEPTICO A 10%
DE ACETATO MERCURICO
SALICIL-ALILAMIDO-O-ACE-
TATO DE SODIO E 5% DE 1-
-3 DIMETILOXANTINA

INJECCÃO INTRAMUSCULAR
OU INTRAVENOSA.

DIURETICO MERCURIAL
ATOXICO



DIRECTORES TECNICOS

J. PEDRO DE MORAES, PINTO FONSECA

E CARLOS COUTINHO

CAIXA DE 5 AMPOLAS DE 1 c.c. ESC: 22,00

CAIXA DE 5 AMPOLAS DE 2 c.c. ESC: 32,00

SOCIEDADE DE INDUSTRIA QUIMICA, L^{DA} LISBOA

CAMPO 28 DE MAIO, 298 - TELEF. 57-107 - TELEG. SICLAMINA

LABORATÓRIOS
SICLA



DIGISTÂNDAR

PÓ DE FOLHAS DE DEDALEIRA
(AFERIDO BIOLÓGICAMENTE)

EM COMPRIMIDO DE 0,10 GRAMAS
TUBO DE 15 COMPRIMIDOS, ESC: 10\$00



GÊOBAINA

SOLUTO DE
g-ESTROFANTINA
A 1/4 DE MILIGRAMA POR CM³

PARA INJEÇÃO INTRAVENOSA

CAIXA DE 6 AMPOLAS, ESC: 16\$00

DIRECTORES TÉCNICOS: J. PEDRO DE MORAES, PINTO FONSECA E CARLOS COUTINHO

SOCIEDADE DE INDUSTRIA CHIMICA, L^{DA} LISBOA

CAMPO 28 DE MAIO, 298 - TELEF. 57-107 - TELEG. SICLAMINA

gerações clínicas de há muito tinham esquecido essa espécie epidémica. Havia 300 anos que nos não visitava. E se essa circunstância torna mais valioso o diagnóstico da epidemia nascente em 1899, mostrando a sagacidade e o saber do insigne higienista que o fez, por outro lado dava força aos que, ignaramente, fundados em argumentos superficiais, procuraram contestar a sua existência. No fundo entravam na liça interesses feridos, arma terrível que, mesmo com o sacrifício de vidas, e manejada por mãos hábeis, leva aos máximos desastros. RICARDO JORGE — é ele quem o afirma — teve a desgraçada honra de ser o descobridor da epidemia de peste no Pôrto em 1899, desgraçada pelos desgostos e injustiças sofridas, mas digna do seu nome por ter sido precocemente diagnosticada e, conseqüentemente, rapidamente jugulada. Se a obra do insigne epidemiologista fôsse apenas essa, já seria bastante para o immortalizar no meio médico português. O seguimento dos casos, a sua correlação, a sintomatologia cuidadosamente observada e por fim a confirmação laboratorial do diagnóstico, constituem uma página brilhante da nossa ciência.

Em Julho de 1899 recebeu RICARDO JORGE um bilhete de um negociante da Rua de S. João, em que chamava a sua atenção para uns óbitos que se tinham produzido na Rua da Fonte Taurina. As certidões de óbito atribuíam a doenças banais as causas das mortes. Informações obtidas no lugar foram, todavia, mais alarmantes. Tinham morrido várias pessoas e outras estavam doentes com febre e nascidas debaixo dos braços. RICARDO JORGE, depois de observar os casos, ficou convencido que se tratava «dum foco epidémico de moléstia singular e nova». Entrou em demoradas investigações, vencendo reservas que mais se acentuaram com o isolamento dos doentes, procurando seguir a marcha da moléstia, inquirindo dos contágios directos e fazendo o possível por observar todos os moradores dos prédios infestados.

Diz RICARDO JORGE, com a hombridade científica que sempre nobilitou todo o seu labor, que a princípio, «embora se competrasse da gravidade do acontecimento, reagia contra a suspeita de peste bubónica. Era inverosímil a invasão do Pôrto por moléstia tão exótica e remota; que a peste há anos se apronta para a conquista da Europa, sabem-no todos os que se preocupam com coisas epidémicas e sanitárias; mas que fôsse êste canto escuso,

o mais afastado geográfica e comercialmente do berço da praga, chegava a ser um absurdo etiológico».

A-pesar desta reserva, continuou a perscrutar, recordando o que lera em livros novos e em velhos alfarrábios que referiam as antigas invasões da peste asiática. Ao fim de três dias, adquiriu a convicção do verdadeiro diagnóstico. Mas como o foco inicial, passado um mês, parecia extinguir-se, RICARDO JORGE chegou a ter «esperanças de que a praga morresse ao nascer. Mas a semente apegava». Em tórno da Rua da Fonte Taurina novos casos apareciam e assim chegou ao convencimento de que «a peste avançava a passos lentos e espaçados, como é de seu uso e costume à primeira arremetida». Os menos dados à leitura destes assuntos, e outros condicionados por motivos diversos, desde as reuniões de profissionais até os comicieiros que pontificavam nos balcões das lojas e, especialmente, a campanha que se iniciava nos grandes jornais do Pôrto, atacavam o Mestre. Todos julgavam defender assim melhor os interesses da cidade e clamavam contra o diagnóstico formulado, porque a doença, diziam êles, não se expandia com a rapidez fulminante e mortífera que os autores descreviam. RICARDO JORGE porfiava nas suas observações quotidianas e procurava resolver definitivamente a questão no campo laboratorial. Em 31 de Julho obteve a primeira colheita fecunda e dentro de oito dias isolou em tubos de cultura o bacilo de YERSIN. No seu trabalho vêm algumas das suas preparações: pus de bubão; bacilos da peste em cultura de quarenta e oito horas, em agar; bacilos da peste, em forma involutiva; bacilos em cadeia de culturas de caldo; finalmente, cadeias dum falso bacilo (coli), cultura em caldo de três dias.

A demonstração estava feita. À sintomatologia da peste vinha juntar-se o diagnóstico bacteriológico. RICARDO JORGE submeteu os resultados obtidos à «competência magistral» de CAMARA PESTANA, que mais tarde veio a perecer do mal por inoculação. Paremos um pouco no relato para dedicar à memória deste mártir da ciência o preito de homenagem de que é credor. O notável bacteriologista, a quem o país deve os mais assinalados serviços, veio a falecer em Lisboa, confiado aos bons cuidados clínicos dum outro grande mestre da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Prof. BELO DE MORAIS, que depois, em páginas imorredoiras, em linguagem repassada de mágoa e dor, arquivou o relato das últi-

mas horas de existência do malogrado homem de ciência, um dos grandes da nossa época, pois mesmo que não tivesse a elevá-lo aos nossos olhos humedecidos, a auréola do martírio, enfileira entre os mais eminentes bacteriologistas da sua época.

CAMARA PESTANA confirmou imediatamente o diagnóstico do eminente higienista portuense. Pois nem essa opinião autorizada conseguiu reduzir os oposicionistas; nem a decisão da Sociedade de Medicina e Cirurgia, onde o assunto foi levado e discutido e que se pronunciava pelo mesmo diagnóstico, pôde evitar a campanha *anti-pestifera* que ganhava de intensidade dia a dia, pondo mesmo em perigo a vida de RICARDO JORGE. Consideravam a afirmação da existência da peste como um grave atentado contra o Pôrto, contra o País, pelas conseqüências que podia arrastar; e como «ninguém é profeta na sua terra», apelou-se para os sábios de outros países, que «viriam salvar a cidade das garras duns inscientes que, feitos gansos do Capitólio, deram a voz de alarme da epidemia pestilencial, mal ela despontou a ameaçar-nos.» Chegaram as missões estrangeiras, que «confirmaram totalmente, integralmente, tudo o que em matéria de diagnóstico e prognóstico fôra aventado pelo seu descobridor.»

A-pesar-de tudo, a campanha na imprensa seguiu cada vez mais violenta, mais desorientada, acicatada por medidas especiais que se tomaram, algumas pouco úteis, em que RICARDO JORGE nem sempre interveio. Depois entrou a política em cena: a grande deformadora dos factos que, só mais tarde, à luz serena da história, podem ser devidamente apreciados. Os republicanos tomaram a cabeça do movimento e foi-lhes útil a campanha, pois, a breve trecho, conseguiam eleger três deputados pelo Pôrto: AFONSO COSTA, PAULO FALCÃO e XAVIER ESTEVES, que ingressaram no Parlamento de 1900, em que também teve assento, pela primeira vez, o autor destas linhas. Ocupava o poder o chefe do partido progressista JOSÉ LUCIANO DE CASTRO. A campanha dos jornais passou para a liça parlamentar. Dum lado os republicanos e regeneradores, atacando vivamente a política sanitária do govêrno; do outro a maioria progressista, em que me alistava. O combate foi feroz. Os deputados republicanos, com AFONSO COSTA à frente, apoiados cá fora pela vigorosa campanha da imprensa oposicionista e pelos jornais do Pôrto de todos os matizes partidários que, mais ou menos abertamente, se collocaram em opposição, lutaram com denôdo e com

talento. A opposição monárquica fêz côro mais ou menos unísono com êles. Na questão fiz a minha estreia parlamentar, defendendo a política do govêrno, que ao tempo já tinha colocado RICARDO JORGE à frente da Direcção Geral da Saúde Pública. ; Como isso vai distante! Um espêsso nevoeiro de esquecimento de factos e de homens, separa-me dêsse passado remoto. Não me seria hoje fácil revivê-lo em pormenor. Nesses combates acesos e acerados sobressaiu a figura do cientista ilustre que fizera a descoberta da invasão pestífera do Pôrto. Podia discutir-se um ou outro ponto das decisões governamentais, e nesse campo não foi inteiramente estéril o debate; mas sôbre o diagnóstico da doença ninguém a sério pôde abrir brecha. Estava certo.

RICARDO JORGE a breve trecho entrou como catedrático da cadeira de Higiene na Faculdade de Medicina de Lisboa, para o que deu tôdas as facilidades BELO DE MORAIS, num gesto de grande magnitude, própria do seu carácter, e que RICARDO JORGE muitas vezes me recordou nas nossas conversas e também o escreveu e disse públicamente.

*

* *

Em 1912 é RICARDO JORGE nomeado delegado do govêrno português junto do «Office International d'Hygiène», e começa então o período mais brilhante do nosso biografado no campo da higiene internacional — a sua idade de oiro. Mais tarde foi eleito pelos seus pares, membro do «Comité d'Hygiène de la Société des Nations», e nos dois sinédrios, onde se debatiam os grandes problemas que interessam à saúde dos povos, RICARDO JORGE marcou um lugar de altíssimo relêvo, que perdurou até à sua morte, pois mesmo em 1939 foi a Paris, onde, segundo creio, levou trabalho valioso, estudo que, com outros inéditos, esperamos que venham à luz da publicidade.

É difícil acompanhar RICARDO JORGE através da sua actividade internacional de higienista, tão vasta é a obra. Possuímos as memórias por êle ali apresentadas, mas faltam-nos os relatos das suas intervenções na discussão dos vários problemas tratados nessas assembleias. O que nos recorda e o que temos à mão da passagem do Mestre por Paris e Genebra, é todavia bastante para

pôr em foco a sua elevada competência e mostrar o aprêço em que era tido pelos representantes dos outros países.

A memória sôbre a epidemia tífica de Lisboa em 1912, o estudo a-propósito da prostituição e profilaxia antivenérea, o artigo sôbre a luta contra a tuberculose e outros, mereciam comento, se o espaço no-lo permitisse. Mas relegamo-los para segundo plano, dando primazia aos relatórios levados às reuniões internacionais, que marcaram doutrina. Está nestes casos o relatório sôbre *La fièvre Ondulante* que, além do material epidemiológico português, traz vasta erudição sôbre a etiologia, profilaxia e distribuição geográfica da febre de Malta. Apraz-nos registrar as palavras que dedica ao Prof. CARLOS TAVARES, um dos grandes da nossa Faculdade, pelos seus conhecimentos, pelas suas raras qualidades de exposição e até pela sua bondade. Alma branca, de *élite*, dentro da epiderme escura que o cobria. RICARDO JORGE refere-se aos primeiros casos da doença observados em Portugal por CARLOS TAVARES, antes que em Espanha e França se tivesse diagnosticado a enfermidade.

Foi muito apreciado em Paris o relatório de RICARDO JORGE sôbre *La Grippe*. A epidemia de 1918 mereceu-lhe uma atenção muito particular. Sôbre o assunto já tinha publicado *A influenza*, em Julho de 1918, relatório presente ao Conselho Superior de Higiene; *A influenza e a febre dos Papatazes*, aditamento ao relatório; e notas sôbre a nova incursão peninsular da enfermidade. Põe de parte a acção do inculpado insecto, entre outros argumentos por êste, que parece concludente: «Ora os flebôtomos passam por ser insectos termófilos, peculiares às plagas meridionais, vão rareando à medida que se sobe da costa mediterrânea. LANGERON (1916) julgou curioso assinalar tê-los encontrado próximo de Paris, e consigna-lhes como extremo *habitat* em França os vales do Sena e do Somme. Dada esta área geográfica, o andaço de Londres e Copenhague não voa por certo nas asas dos Papatazes. É concludente».

No relatório sôbre a gripe utilizou todo o material português, trabalhos seus, inquérito feito pela sua Direcção Geral de Saúde, investigações várias. Sôbre essas bases formulou um questionário ao Office, que serviu para estabelecer o programa completo e sistematizado do inquérito internacional de que êste organismo tomou a iniciativa. A influenza, diz o ilustre higienista

português, produziu em Portugal duas grandes vagas epidémicas, a primeira de Junho a meados de Julho de 1918: epidemia primitiva, verno-estival, de difusão muito rápida, fugaz, simples e benigna; a segunda de metade de Agosto ao fim de Novembro, epidemia secundária, estivo-outonal, de transmissão mais lenta, altamente maligna e mortal pela frequência das localizações pulmonares, pelo que foi denominada: «influenza pneumónica». No seguimento desta notável memória, que foi publicada, na íntegra, no *Bulletin Mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique*, é estudada, em pormenor, a marcha da epidemia em Portugal, as suas características, diagnóstico, prognóstico e tratamento, as zonas de predilecção, a distribuição por idades, etc.; de sorte a constituir uma base sólida que, generalizada, veio a trazer à instituição internacional preciosos elementos.

Conexa a êsse grave problema epidemiológico, que tanto alarmou a população portuguesa, surge uma nova entidade nosológica, que começa a sentir-se em Portugal em 1919 e vai, pelo menos, até fins de 1921: a encefalite epidémica que, ao tempo, depois da descoberta de ECONOMO, se designava encefalite letárgica. A sintomatologia, que na primeira arremetida do andaço tinha, como elemento preponderante, o sono que a baptizou, passou a ter quadro clínico diferente, complexo sempre, mas em que a letargia faltava numerosíssimas vezes. Êste assunto interessou muito de perto os neurologistas, particularmente o parinsonismo post-encefalítico. O primeiro caso português desta forma encefalítica foi levado a Paris, onde foi muito apreciado, pelo Prof. ANTÓNIO FLORES, à Reunião Neurológica. Não quero embrenhar-me na questão das chamadas seqüelas da moléstia e outras mais, sôbre que publicámos artigos expondo a nossa maneira de ver; basta dizer que êsse primeiro relatório de RICARDO JORGE é um completo repositório do que se conhecia nessa época sôbre o assunto, a que juntou, não só a contribuição dos casos portugueses, mas ainda valiosos elementos históricos de grande utilidade para a solução de alguns problemas epidemiológicos. Uma grande questão foi levantada desde início a-propósito das relações entre a influenza e a encefalite epidémica. Deixamos aqui arquivada a opinião do Mestre: «Há que considerá-las moléstias afins, mas não unas como vírus e como espécie morfológica. Tudo protesta contra tal unificação. As lesões mesmo, embora do mesmo tipo hístico,

encontrado para moléstias parelhas como a moléstia do sono, a paralisia geral, a raiva, encontram mais fundo nas células nervosas na moléstia de HEINE-MEDIN que na de ECONOMO.» Êsse relatório sôbre *L'encéphalite léthargique* apresentado ao Office por RICARDO JORGE, em 1920, é um dos seus mais importantes trabalhos.

Sôbre o Alastrim e a Variola, escreveu o ilustre higienista «Nota» que apresentou ao «Office International d'Hygiène» em Outubro de 1924, e foi publicada no *Bulletin*, do mesmo ano. É afinal uma longa e bem documentada memória sôbre o assunto, que sendo ao tempo, como diz o seu autor, uma questão do dia, o é ainda hoje sob outros aspectos. RICARDO JORGE foca-os em 1927, em trabalho de maior vulto, quando reuniu, em volume: o trabalho primitivo, o estudo da vacina e das encefalites post-vacinais. O alastrim que, inicialmente, apenas interessava à patologia exótica — o têrmo teve nascença no Brasil e deriva do verbo alastrar — invadiu espectacularmente os Açôres, ao mesmo tempo que se assinalaram epidemias de variola mitigada na Inglaterra e na Suíça, o *mildpox* e *whitepox* que — di-lo RICARDO JORGE — são idênticas às do alastrim áfrico-americano. Ao mesmo tempo «*la nouvelle d'un accident inoui saisit les deux comités (mai de 1925): la dénommée encéphalite postvaccinale, espèce jusqu'ici absolument inconnue, surgit en Hollande et aussi en Angleterre et en Suisse*». O assunto preocupa ainda hoje os anátomo-patologistas do sistema nervoso, ao lado de outras formas de encefalite. RICARDO JORGE deu lugar de honra ao novo morbo que joga com o problema da vacinação: «*Les faits crèvent le cadre des notions classiques, et devant cette crise inattendue, il est impossible de fermer les yeux et de croiser les bras*».

O trabalho sôbre o Alastrim e a Variola foi publicado em inglês no *The Lancet* e suscitou discussões em vários centros científicos europeus. Cabe a RICARDO JORGE a honra de ter sido o primeiro a chamar a atenção para um problema de grande interêsse geral, ao qual veio adicionar-se um outro de importância magna: a encefalite post-vacinal, que tem preocupado, e preocupa ainda, os médicos de hoje.

Mais tarde, em 1931, constituiu-se a «Comissão da variola e da vacinação» do *Comité* permanente do Office, a que o delegado português ficou pertencendo. Volta RICARDO JORGE a ocupar-se do assunto, mas então com a vastidão que o problema hoje oferece.

O seu relatório: *Les encéphalites post-vaccinales dans leurs rapports avec la vaccination et avec les encéphalites post-infectieuses et déssiminées aigues*, é um estudo completo da questão. Entre outras notas há algumas que não nos dispensamos de arquivar. De 1927 a 1930 foram observadas, em Inglaterra, encefalites derivadas da influenza com oitenta e oito casos de morte, do sarampo com sete mortes, da varicela com uma morte, da coqueluche com duas mortes, da escarlatina com duas mortes, da varíola com duas mortes e da difteria com uma morte, sem falarmos das meningites de que também reza a estatística.

RICARDO JORGE estuda a encefalite post-vacinal em relação com estas encefalites post-infecciosas. As estatísticas marcam a electividade daquela pelas idades de 3 a 13 anos e, em média, do décimo ao décimo terceiro dia para a inoculação. Daí pode concluir-se a vantagem da vacinação nos primeiros meses da existência. As estatísticas mostram ainda, que o risco é muito menor nas revacinações. A letalidade tem sido elevada. Na Inglaterra — a mais alta de todos os países — sobe a 58 %, ao passo que na Suécia é apenas de 14 %. Põe-se a questão: *¿ é o compox*, isto é, a própria vacina, que actua sôbre o cérebro e pela sua acção tóxi-infecciosa provoca o processo flegmático? O assunto é discutido com largueza, relacionado com o das encefalites post-infecciosas e a encefalite disseminada aguda que, nas suas relações com a esclerose em placas aguda, traz embaraços de diagnóstico. Embora o relatório não chegue a uma conclusão nítida, — porque a não tinha em 1933 nem a tem na hora presente, — RICARDO JORGE põe as premissas do problema em termos tais, que aquêles que desejem profundar o assunto têm de consultar o longo e bem documentado trabalho do grande epidemiologista português.

*

* * *

Diz BYRON que «o repouso é um inferno para as almas activas». Nunca a observação do cantor do *Child Harold* se ajustou mais perfeitamente do que à vida de RICARDO JORGE. Seguiu a fatal derrota dos 70, dos 80 anos, e a actividade, resistência, capacidade mental, mantêm-se íntegras. Períodos de descanso não os apreciava e, quando os teve, talvez impostos, foram aproveitados no

exame de factos e de coisas que imediatamente, ou mais tarde, serviam de pretexto a apreciações críticas ou a páginas de belos descritivos literários a que emprestava os clarões do seu espírito sempre alerta. O trabalho, a investigação, o transladar ao papel as impressões colhidas, eram o seu máximo prazer. E não esmoreceu na idade, em que o repouso, forçado pela fadiga de canseiras passadas e pelo desinterêsse das coisas surge, como crepúsculo suave, antecedendo a noite trágica. Às suas canseiras febris, verdadeiro prazer espiritual do seu último decénio, pode aplicar-se o que disse Victor Hugo:

Jouissons ! l'heure est courte et tout fuit promptement . . .

A sua produção científica dos últimos anos continuou a marcar no mundo internacional de hygiene pública, como fulguração de um cérebro privilegiado, sempre ao corrente das últimas aquisições. A sua voz erguia-se, ora como clarim de guerra, pondo em guarda as defesas sanitárias contra o avanço das epidemias, ora como produto de reflexão e de saber, na solução dos problemas máximos da protecção dos povos contra o possível embate das doenças infecciosas. É de 1927 o seu notável e esgotante relatório sobre *As faunas regionais dos roedores e das pulgas nas suas relações com a peste*, longo trabalho publicado no *Bulletin* do Office, justamente apreciado como dissertação exaustiva sobre o assunto. Nota-se, através das suas páginas, a quanta leitura teve de proceder para chamar a terreno os elementos com que jogou na sua elaboração. É particularmente interessante o capítulo que dedica ao estudo dos roedores selvagens e da peste selvática, que começa por estas palavras: «*La peste endo-épidémique, la peste pandémisée par l'ictus universel de 1894, se réduit essentiellement à l'action pestigène de rats domestiques épizootisés, déchargeant sur l'homme leur virus par le dard des puces-vectrices*».

Neste trabalho RICARDO JORGE milita em favor da existência de epizootias dos animais selvagens de *habitat* desértico, que denomina de *peste selvática*, idea nova, que defende com notável cópia de argumentos.

Em 1932 deu-nos a honra de publicar na *Lisboa Médica* uma elucidativa memória sobre uma epidemia ictero-hemorrágica, em Lisboa, de origem hídrica *per os*, em que desenvolve a sua noso-

logia, bacteriologia e epidemiologia. Trata de uma epidemia de icterícia que se espalhou em Lisboa no mês de Agôsto, princípio de Setembro, epidemia curiosa e mesmo singular, diz no seu relato, digna de estudo por trazer elementos novos e decisivos ao problema da epidemiogenia da infecção chamada espiroquetose ictero-hemorrágica. Apareceu o morbo com a característica de uma difusão quási súbita, verdadeiramente alarmante, tanto mais que os casos graves e fatais se produziram em notável proporção. A letalidade excedeu, em muito, as percentagens averiguadas nas epidemias similares observadas na Europa. A irrupção foi felizmente fugaz, acrescenta ainda o insigne epidemiologista, o flagelo extinguiu-se como um fogo de palha, tendo todavia, deixado um rasto de mortalidade apreciável.

RICARDO JORGE marca a sua origem, no bairro dos Anjos, onde quási inteiramente se circunscreveu em tórno duma fonte pública, o que denunciou a sua proveniência hídrica. O primeiro registo desta epidemia foi feito pelo mesmo higienista em 1914, nas duas cidades marítimas, Setúbal e Sesimbra. Observou-se então o conjunto sintomatológico que, ao tempo, era denominado doença de WEIL, expressão, em seu entender, incorrecta, depois da descoberta de INADA e IDO. Foram estes autores os criadores da espiroquetose ictero-hemorrágica, muito freqüente no Japão, dando-lhe lugar preciso na nosologia médica. RICARDO JORGE apresentou o seu relatório sôbre icterícias epidémicas em 1926, ao Office. Por proposta sua foi ali, pela primeira vez, discutido o assunto. Começavam então as primeiras tentativas de separação de formas diversas desta enfermidade. Termina por estas palavras: *Le chapitre des ictères infectieux est une actualité épidémiologique qui demande d'études persévérantes, dans le but de mieux dévoiler leur etiologie et leur taxonomie.*

Em 1933 apresenta ao Office a sua exposição sôbre: *Summa epidemiologica de la peste. Épidémies anciennes et modernes.* Nesta memória, em que traz a colação o que escrevera sôbre a *Peste pulmonar, a-propósito da epidemia de Alcochete, 1923*, e *Les pestilences, 1926*, discute vários problemas ligados à peste. Depois de larga exposição, em que chama em auxílio o modo de ver de outros ilustres epidemiologistas, escreve o professor português: *On doit distinguer dans la peste deux maladies accouplées — l'une, à siège ganglionnaire, la bubonique, l'autre, à siège*

pulmonaire, la pneumonique. On dirait deux maladies séparées, tant elles diffèrent à tous les points de vue — symptomatique, pronostique, épidémiogénique et prophylactique. Et pourtant, elles sont dues à un seul et même bacille pathogénique. . . E acrescenta: «Les rongeurs n'ont rien à voir avec la transmission de la peste pulmonaire, dont les cas s'enchaînent par contagion directe».

Tôdas as questões suscitadas sôbre a peste se encadeiam. Complexa questão a que o estudo dos focos epidêmicos asiáticos e outros, vêm trazendo novos e, às vezes, imprevistos subsídios. A RICARDO JORGE se deve uma larga e preciosa documentação, bem como concepções originais sôbre o problema que, sob muitos aspectos, continua ainda a ser trabalhado e discutido.

Nesse mesmo ano de 1933, apresenta o delegado português uma memória sôbre a Mialgia Epidémica do tronco (doença de BORNHOLM), enfermidade assaz bizarra, que tomou o nome da ilha do Báltico, onde, ao tempo, foi observada. Alguns autores fazem ascender a sua primeira incursão a 1856, na Islândia. Em 1872, não há dúvida que apareceu na Noruega. As mialgias são sintomas vulgares em certas doenças bem conhecidas e individualizadas, como a gripe, o reumatismo, a febre ondulante, a espiroquetose ictero-hemorrágica, etc.; mas, enquanto nestes casos as dores têm também outros lugares de predilecção, na doença de BORNHOLM as algias são exclusivamente miósicas. Daí o pensar-se que esta enfermidade é uma miopatia, pois os músculos aparecem edemaciados. Nêles se localiza o agente, ainda desconhecido, da estranha infecção. Atento durante alguns meses, e a solicitação de RICARDO JORGE, à pesquisa do síndrome, nunca o descortinei na minha clínica.

É interessante o artigo que, em 1937, dedica RICARDO JORGE à memória de Sir JORGE S. BUCHANAN, o representante da Grande Bretanha no Office, onde ocupava a Presidência. Constitue êsse artigo uma brilhante página de história escrita sôbre o movimento higiênico internacional. Desejamos que aqui fiquem registadas, como último acto de fé dêsse notável médico inglês, prototipo da dedicação ao bem-estar da humanidade e à manutenção da sua integridade vital, as palavras que êle escreveu ao Mestre português e que êste arquivou nesse artigo: *It was sure to do well with such strong attendance of those who have given the Committee of the*

Office the high authority which it has come to possess in recent years.

Em 1938 — já RICARDO JORGE fizera os 80 anos! — publica um dos seus mais extensos e interessantes trabalhos. É sôbre a «Fièvre Jaune» e veio a constituir um fascículo dos *Arquivos do Instituto de Higiene Dr. Ricardo Jorge*, vol. IV, em que, através das suas XV-134 páginas, nos põe ao corrente dos múltiplos aspectos que se divisam no estudo do terrível flagelo em que a contribuição brasileira marca lugar do maior relêvo.

A Febre Amarela, diz RICARDO JORGE, tem o terceiro lugar na tradicional tríada das pestilências — Peste, Cólera, Febre Amarela. A Peste e o Cólera, tendo conquistado, através dos tempos, uma larga preeminência geográfica, merecem bem o título de flagelos pandémicos, enquanto que a Febre Amarela vê os seus domínios limitados às regiões costeiras tropicais do Atlântico, na América e em África, só se expandindo excepcionalmente para fora desta sede endémica. O seu estudo tem, todavia, merecido especial atenção do Office, diz ainda RICARDO JORGE, não pelo aparecimento de novos focos, mas pelas descobertas feitas sôbre a natureza e génese do processo infeccioso.

O trabalho começa por se referir à Febre Amarela africana, que considera idêntica à americana. Desenvolve, em seguida, o que tem sido a campanha sanitária do Rio de Janeiro, a descoberta do papel da estegómia e a profilaxia científica. É a guerra aos mosquitos prosseguida por OSWALDO CRUZ, no Brasil, que consegue sanear a Capital. Em 1928 há uma pequena incursão da Febre no Rio.

Ali estive em Setembro de 1929; mas já não consegui ver nenhum caso da doença, no homem; observei apenas alguns *macacos rhesus* infectados, no Instituto de Oswaldo.

A causa dêste novo surto, aliás rapidamente jugulado, foi, segundo lêmos, consequência de terem ficado no interior focos da doença, donde ela voltou a uma das regiões costeiras predilectas. O relaxamento na caça ao mosquito deve ser outra e importante causa da invasão. RICARDO JORGE enumera e comenta as medidas tomadas. O ataque aos mosquitos adultos cuidadosamente incinerados pelo petróleo; a destruição das larvas; a descoberta dos peixes larvífagos; as tropas matamosquitos sob

a vigilante acção dos chefes sanitários; tudo ali é estudado com elevado critério.

Não é possível trazer para aqui, mesmo em resenha, o que contém o precioso volume, onde questões de ordem técnica, e da maior importância, são abordadas, tais como a da hepatite da febre amarela em relação com outras que com ela oferecem analogias histo-patológicas.

Um dos capítulos mais interessantes é aquêl em que o autor estuda os reservatórios do vírus nas florestas, as epizootias prováveis nos macacos, as diversas espécies de mosquitos transmissores, etc. RICARDO JORGE tem a opinião de que: *Cette faune amarilligène garde encore son incognito.*

Encerro aqui a apreciação sôbre a obra de RICARDO JORGE, como higienista. O estudo é, por certo, muito incompleto; nem nesta notícia sôbre os seus trabalhos tenho a pretensão de citar tôda a sua longa bibliografia científica. Nem a tinha à mão. A enumeração bibliográfica está feita num apenso ao bem elaborado artigo biográfico do Mestre, pelo Prof. EDUARDO COELHO, na *Lisboa Médica* (Agosto de 1929), a-quando da sua aposentação. EDUARDO COELHO tomou a seu cargo a difícil tarefa de coligir a bibliografia geral de RICARDO JORGE, agora fácil de completar neste último decénio. Só em trabalho de maior vulto a poderia seguir par-e-passo. O meu propósito nesta notícia visa, apenas, a pôr em relêvo as altas qualidades, esmerado saber e valor científico e literário de quem foi um dos maiores do seu século em terra portuguesa. Escrita numas termas do Norte,—onde vim procurar, pelo repouso e hidroterapia, alívios a males antigos e modernos, e onde apenas pude chamar alguns volumes da autoria de RICARDO JORGE, sem elementos de consulta,—por certo acusará deficiências. E contudo, especialmente pelo que se reporta à sua obra de higienista, muito me pesa que não saia exposição digna de quem tanto reconhecimento merece da Medicina portuguesa e da Pátria que êle tão dedicadamente serviu. Outros suprirão com vantagem esta deficiência.

*

*

*

RICARDO JORGE tinha uma marcada tendência para os estudos da história, em particular os ligados à nossa ciência. Os médicos

da minha geração saíram das suas Escolas sem cultura alguma da história da medicina. Apenas a conheciam através dos relatos históricos que, nos compêndios de patologia, acompanham a descrição das diversas espécies nosológicas, pequeno capítulo que quasi todos passavam em claro. Foi apenas com a leitura de algumas passagens do extenso tratado de KURT SPRENGER que, mais tarde, pude compreender o valor dêste ramo da nossa ciência que nas Faculdades de Medicina bem organizadas constitue uma das cadeiras professadas. Já nesta exposição verificámos a sua importância no campo epidemiológico, onde tem, talvez, o seu valor máximo. Contudo RICARDO JORGE não foi apenas levado para essas investigações pela circunstância de estar na regência da cadeira de Higiene. Era o natural pendor do seu espírito que o arrastava para êsses estudos em que tanto havia de celebrar-se. Vi-o, mais de uma vez, agarrado aos livros de ZACUTO perscrutando o que ali se dizia e se correlacionava com a encefalite epidémica. Idênticas buscas fêz na obra de AMATO e nos cronistas, pois estes podiam igualmente dar-lhe elementos de que carecia. Entre estes, DAMIÃO DE GÓIS foi objecto da sua particular atenção. E, assim, chegou à convicção de que a *modorra* se aproximava tanto, pelas descrições dadas, da encefalite epidémica que as julga identificáveis, a ponto de afirmar que a epidemia grave que em 1521 e 1556 assolou a Espanha e Portugal foi a mesma que em 1927 e 1928 visitou a Europa inteira.

Fora dêstes trabalhos especiais, de particular utilidade prática, fêz estudos médico-históricos de conjunto sôbre variados assuntos, tais como o *Mal do bicho* e *A partenoplastia*.

No Congresso Internacional de História da Medicina de Londres, de 1922, RICARDO JORGE fêz incidir a atenção sôbre a contribuição portuguesa no desenvolvimento da Medicina. Discursando na douta assembleia, disse: «Alfobre de médicos judeus, então considerados como os mais experimentados de HIPÓCRATES, Portugal despachou pela Europa fora nos séculos XVI e XVII professores de medicina para as mais reputadas universidades do Continente, para a própria Itália no auge da renascença, e médicos cubiculários para as côrtes estrangeiras. Na côrte londrina era assistente da grande ISABEL o Dr. RUI LOPES, que ascendera à câmara régia, depois de ter sido clínico do famoso favorito e aventureiro ROBERT DUDLEY, conde de Leicester». Êste médico

foi, tempo depois, considerado como traidor e vendido a FELIPE de Espanha, sob a infame acusação de que teria prometido envenenar a rainha. Prêso, sujeito à tortura, confiscam-lhe os bens e dependuram-no na forca. Não lhe valeu que HARVEY o considerasse o mais sábio físico do paço e tivesse palavras de apreço para a maneira douta e assídua como dirigia a sua clínica em St. Bartholomew's Hospital. Pior do que a morte foi ainda o ter sido tomado como tema de peças dramáticas, dizendo-se mesmo que o imortal SHAKESPEARE o aproveitara como modelo de SHYLOCK. «Página assim mais sinistra e trágica talvez se não tope no martirologio profissional».

Faz em seguida RICARDO JORGE um esbôço do retrato da princesa D. CATARINA de BRAGANÇA, que foi casada com CARLOS II, não esquecendo «o hábito comezinho que ela introduziu, de tomar o chá, que tem feito desde então as delícias do povo inglês». Fôra seu médico e de seu marido, em Hampton-Court, o Dr. FERNÃO MENDES, que se notabilizou por, com fórmula sua, ter divulgado o emprêgo da quina contra o sezonismo. Tornou-se célebre e alcançou ser *Fellow of the Royal College of Physicians*.

Refere-se também a JACOB DE CASTRO SARMENTO, médico que no século XVIII residiu em Londres, onde alcançou grande renome e honrarias. Fala de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃIS, médico e matemático de elevada categoria, mais conhecido por *Abbé Magellan*, especializado no fabrico de instrumental científico e que tomou parte na evolução químico-fisiológica iniciada por PRIESTLEY e CRAWFORD. Como o anterior, foi sócio da *Royal Society*. Evoca a memória de MANUEL CONSTANTINO, que, «devotado restaurador em Lisboa da nova cultura anatômica e cirúrgica, obteve do govêrno de D. MARIA I que os seus melhores discipulos fôsem mandados a fazer tirocínio em Londres». Entre êles distinguuiu-se ANTÔNIO DE ALMEIDA, que conquistou o título de *Fellow of Royal College of Surgeons*.

Não é fácil acompanhar RICARDO JORGE em tôda a sua actividade de historiador da Medicina. Só isso constituiria uma longa monografia. Não posso, todavia, deixar de me referir à sua obra máxima, *Amato Lusitano*. Relemos agora, je com que prazer o fizemos! os «Comentos à vida, obra e época» dêsse grande médico que «Desde que, vai para quatro séculos, se inscreveu nas laudas da medicina universal, não mais se desgravou dali o traço

reluzente do seu nome...». Obra salutar, perfeita na estrutura, forma e historiografia, deixa a sua leitura a consoladora associação de dois grandes portugueses: o biografado e o biógrafo, numa íntima comunhão de ideal, o bem da humanidade. RICARDO JORGE remata graciosamente a carta-prólogo a MAXIMIANO LEMOS, com que abre o volume e em que, mais uma vez, recorda a vida na Escola Médica do Pôrto, por estas palavras: «Ah, meu MAXIMIANO, mas como tôda esta epístola está infestada do *moi haïssable*. Pegou-se-me a manha do AMATO *nimius de se ipso scriptor*, como resmungo o azedo HALLER. Que afinal o egotismo está no escrever sôbre o quer que seja; é a maior das presunções do eu. Dessa me não absolvo; mas conto, e tanto me basta, que lá no outro mundo, AMATO, o varão justo, me propicie o arcanjo RAFAEL, ministro de LAWEH, e que cá sinta o sorriso aberto do seu biógrafo, do devotado amigo que V. é».

A biografia de AMATO, de RICARDO JORGE, é a terceira que, no decorrer de quinze anos, vem restabelecer a verdade, guindando o médico português à posição que deve ocupar na história da Medicina universal. A primeira é do alemão MAX-SALOMON e a segunda de MAXIMIANO LEMOS. Duas, de dois portugueses que alto querem levantar — e com inteira justiça — o nome do médico lusitano; outra, de médico estrangeiro que, afinidades de raça, trouxeram, por certo, ao seu estudo, pois o sangue judeu é sêlo sagrado que faz muitas vezes ligação de almas. Antes, porém, outros autores, e dos mais ilustres, lhe marcaram posição no templo de ESCULÁPIO. SPRENGER mostra quanto êle concorreu para o progresso da Medicina, criticando a injustiça com que pretendiam feri-lo nas suas valiosas contribuições científicas. LABOULBÈNE, referindo-se aos médicos estrangeiros que foram aprender nos métodos de dissecação dos anfiteatros italianos, cita os nomes de VESÁLIO, AMATO e HARVEY. Já, neste século, o professor vienense MAX NEUBURGER considera as «obras casuísticas de AMATO com as de LUIZ MERCADO e ZACUTO, como merecedoras de caloroso reconhecimento — *Warme Anerkennung* — e na série dos experimentadores que desentranharam a anátomo-fisiologia arterial e venosa, estampa o nome de AMATO, antecedido de SYLVIO, VESÁLIO e CANNANI, seguida de SARPI e FABRÍCIO D'ACQUAPENDENTE».

Outros doutos autores ocupam-se de AMATO como anátomo-patologista, e dão-lhe situação de relêvo no âmbito da farmaco-

gnosia e da toxicologia. Descobriu AMATO as primeiras válvulas venosas — a válvula do azygos — de que anatómicos de mérito, como EUSTÁQUIO, debalde zombaram; foi o iniciador da terapêu-

LABORATORIO
SANITAS
LISBOA

OPHEMOL D

REGENERADOR
DO SANGUE
DO FIGADO
DO BAÇO



HAVIA FALTA DE UM BOM

TÓNICO PARA
DIABÉTICOS

MAS O

OPHEMOL D

atendeu a tôdas as indicações de um bom tónico para diabéticos, o que V. Ex.^a poderá verificar, adiante, examinando a sua composição.

Os resultados das experiências clínicas foram brilhantes!
V. Ex.^a já o ensaiou?

servado dos que tenho visitado — riquíssima joia de antanho. Ali estive, em 1937, a convite do Prof. BOSCHI, a realizar uma conferência na sua Academia das Ciências, uma das mais antigas e

reluzente do seu nome...». Obra salutar, perfeita na estrutura, forma e historiografia, deixa a sua leitura a consoladora associação de dois grandes portugueses: o biografado e o biógrafo, numa

íntim
rema
que
Esco
MIANC
ble.
como
escre
Dess
outro
FAEL
biógr
A
deco
o m
Med
segu
quer
sitar
trou
sagr
outro
plo
prog
ram
refe
mét
VES
MAX
de l
conl
mer
ven

Tónico completo, para cuja composição se atendeu não só à associação de elementos químicos anti-anémicos, mas também aos elementos apropriados para auxiliar a renovação e a multiplicação das hemátias e a aumentar a sua riqueza em hemoglobina.

A sua acção tende também a melhorar as funções do fígado e do baço, permitindo assim um melhor funcionamento destes órgãos. Além da sua acção tónica directa, contribuirá assim, indirectamente, regularizando as funções do fígado e do baço, para a cura do diabético.

Pelo estudo da sua fórmula concluir-se-á que o **OPOHEMOL É, DE FACTO, UM TÓNICO QUÍMICO, UM TÓNICO OPOTERÁPICO, UM REGENERADOR, DO SANGUE, DO FIGADO E DO BAÇO E, PORTANTO, O TÓNICO COMPLETO**, indicado para os diabéticos.

Encontramos na fórmula que damos adiante **A HORMONA ANTI-ANÉMICA** (nos extractos de fígado e baço, preparados de forma a conservar a totalidade dessas hormonas), princípios anti-tóxicos (extracto esplénico, paratoxina biliar), agentes de oxidação celular (ferro e manganéz orgânicos, activados pelo fígado e baço e pelo proteinato de cobre, este último em dose quasi homeopática, mas suficiente).

A peptona especial que empregamos nos peptonatos, especialmente preparada com o fígado e baço frescos, desempenha um

e CANNANI, seguida de SARPI e FABRÍCIO D'ACQUAPENDENTE».

Outros doutos autores ocupam-se de AMATO como anatómo-patologista, e dão-lhe situação de relêvo no âmbito da farmaco-

gnosia e da toxicologia. Descobriu AMATO as primeiras válvulas venosas — a válvula do azygos — de que anatómicos de mérito, como EUSTÁQUIO, debalde zombaram; foi o iniciador da terapêu-

MOL D

papel notável na prevenção e tratamento nos fenómenos de **anafilaxia**.

No Opohemol D não entra o açúcar, que entra na composição do Opohemol simples. Tivemos de substituir o xarope de casca de laranja por um excipiente glicerinado e com sacarina.

NOTA — Os frascos de Opohemol D podem apresentar um precipitado que é resultante da acção das variações de temperatura sobre a matéria albuminoide. Deve agitar-se e usar-se sem receio porque êsse precipitado não indica alteração.

POSOLOGIA

Uma a três colheres de sopa, por dia, simples ou em água, conforme indicação médica. Pode ser tomado às refeições, mas a sua acção é mais eficaz se fôr tomado meia hora antes.

Aconselhamos a leitura do «Estado actual da Opoterapia Hepato-Esplénica», trabalho actualizado sobre o fígado e baço, muito interessante e que está à disposição dos Ex.^{mos} Médicos que o requisitem.

LABORATÓRIO SANITAS

LISBOA

servado dos que tenho visitado — riquíssima joia de antanho. Ali estive, em 1937, a convite do Prof. BOSCHI, a realizar uma conferência na sua Academia das Ciências, uma das mais antigas e

reluzente do seu nome...». Obra salutar, perfeita na estrutura, forma e historiografia, deixa a sua leitura a consoladora associação de dois biógrafos e o biógrafo, numa

OPOHEMOL

Fórmula

Extracto concentrado de fígado e do baço	50 grs.
Peptonato de ferro, preparado com peptonas de fígado e do baço	50 grs.
Peptonato de manganéz, preparado com peptonas do fígado e do baço	30 grs.
Proteinato de cobre	0,05 grs.
Glicerofosfatode sódio	25 grs.
Ácido fosfórico	X gotas
Extracto fluído de quina	10 grs.
» » de kola	10 grs.
» » de condurango	5 grs.
Tintura de noz vómica	XXXX gotas
» de absinto	XXX »
» de genciana	XXX »
Glicerina pura a 30°	200 »
Alcool puro a 95°	100 »
Excipiente próprio q. b. para	1000 grs.

Esta fórmula só por si,
explica os extraordinários
efeitos clínicos obtidos com o
O P O H E M O L

e CANNANI, seguida de SARPI e FABRÍCIO D'ACQUAPENDENTE».

Outros doutos autores ocupam-se de AMATO como anátomo-patologista, e dão-lhe situação de relêvo no âmbito da farmaco-

gnosia e da toxicologia. Descobriu AMATO as primeiras válvulas venosas — a válvula do azygos — de que anatómicos de mérito, como EUSTÁQUIO, debalde zombaram; foi o iniciador da terapêutica dos apertos uretrais e, acima de tudo, foi o autor das *Centúrias* que, com os *Comentários*, constitue a obra máxima do judeu lusitano. Nas *Centúrias*, diz RICARDO JORGE, «divisam-se a cada passo pègadas de personagens, narram-se incidentes discretos e indiscretos, desenham-se grandezas e misérias individuais e colectivas. O registo clínico dos achados científicos e do encontro dos casos mescla-se duma crónica mundana, descritiva e social. Não sei de livro assim, nem de nenhum outro português, nem de nenhum outro médico de qualquer tempo. Um *Kodak* aberto, com as lentes de intimidade médica, sôbre a paisagem humana, movediça e variegada, tal a obra dêste *globe-trotter*, dêste vagamundo de génio».

Esta primorosa e justa descrição dispensa outras referências ao estudo biográfico feito por RICARDO, o melhor que até agora se escreveu sôbre AMATO. Solerte e tenaz, como poucos outros, foi AMATO no estudo e exercício da medicina, chegando a ocupar um lugar de realce entre os mais altos valores intelectuais da Europa culta. A Itália que, ao tempo, tinha a hegemonia do saber e do ensino, admite-o em altos cargos clínicos. É médico-conduto do senado urbano, físico de cardiais e do próprio Papa; alcança tal nomeada que é solicitado a ser médico de côrtes. Reúne, no seu cérebro potente, todo o movimento da renascença no âmbito médico e, como tal, é feito professor de medicina em Ferrara, linda cidade italiana, cheia de tradições de Capital, de grande cultura literária, onde ainda hoje se ouve o eco dos poemas de ARIOSTO e de TASSO:

Canto l'armi pietose o 'l capitano

Che 'l gran Sepolcro liberò di Cristo,

repleta de preciosidades históricas e de riquezas artísticas, senhora duma topografia de ruas que parece ser de hoje e vem do século XVI, possuidora de um maravilhoso castelo — o melhor conservado dos que tenho visitado — riquíssima jóia de antanho. Ali estive, em 1937, a convite do Prof. BOSCHI, a realizar uma conferência na sua Academia das Ciências, uma das mais antigas e

consideradas de Itália. Ao recordar hoje, o que ao tempo não sabia, que ali professara AMATO, invade-me a vaidade, sempre ruim qualidade; mas que, neste caso, também é desvanecimento pelos passados triunfos da Medicina portuguesa.

*

*

*

Não podemos alargar-nos na apreciação do labor das investigações histórico-médicas a que RICARDO JORGE deu farta bibliografia. As referências a ZACUTO e a RIBEIRO SANCHES são dignas da sua pena. Sôbre AMATO LUSITANO nada mais há a dizer, depois do que êle escreveu. Obra perfeita, ousamos recomendá-la aos novos e aos velhos que ainda não experimentaram o regalo espiritual de a ler.

RICARDO JORGE levanta, nesse volume, uma questão que importa à literatura peninsular, problema de grande importância, que tem feito correr muita tinta e consumir muito tempo em investigações: a autoria da celebrada *Celesina*, comédia de tão elevado mérito que alguns a fazem ombrear com o *D. Quixote*. Cita-a AMATO no *Dioscórides*, e RICARDO JORGE, depois de porfiado estudo noutras fontes, marca o teatro da cena, Salamanca, e defende a autoria de FERNANDO ROJAS. Mas o assunto excede o nosso propósito.

Cabe, ainda, como capítulo à parte, na história da medicina, o diagnóstico retrospectivo da causa da morte de grandes vultos. Também o atraiu o assunto. Desejo referir-me ao livro *O óbito de D. João II*, que RICARDO JORGE abre desta maneira: «Aquêlê palácio de Santo Amaro, todo impregnado de nobreza dum solar luso-espanhol, dos seiscentos, tornou-se o antro dum feiticeiro que a cada passo nos ressurge para gôzo dos olhos visionários as —gentes de algo— e as —donas de tempos idos. Um cinegrama histórico, animado e colorido que a sua varinha de condão desenrola daquele recinto fadado. Tudo ali fala das velhas gerações: vibram como harpas eólias, ao sôpro flébil do passado, os fios das tapeçarias, o carvalho dos arcazes, o pau santo dos contadores, o bronze dos candieiros, o marfim das imagens, o ferro das armaduras. Tilintam nas bainhas as fôlhas das espadas, batem no lagedo os contos das alabardas, rangem as sêdas ada-

mascadas, lampeja o aço embaciado dos espelhos, nos caixilhos, requebram-se e agitam-se os lábios das damas donairosas dos serões do paço da Ribeira e distendem-se os carões severos dos privados de príncipes e dos capitães da Índia».

Rica e sugestiva portada para quem tem de abandonar a pena, por momentos, para ingressar no ambiente da vida palaciana, perscrutar a atitude dos familiares, seguir os passos das donas da côrte, acompanhar, de longe, a silhueta da Rainha D. LEONOR e inquirir do testemunho dos visitantes do palácio. Houve a suspeita, que encontrou eco nos cronistas RUI DE PINA e GARCIA DE RÊSENDE, de que El-Rei teria sido envenenado. RICARDO JORGE socorre-se de documentos do passado e do depoimento de clínicos de cunho: CARLOS LOPES, MANUEL BENTO e ANTÓNIO DE LENCASTRE, que, pela sintomatologia reconstituída, afastam a hipótese criminosa, deixando assim, em tranqüilidade, a alma de Mestre João DA PAZ, o incriminado envenenador. RICARDO JORGE passa em revista os envenenamentos históricos que se encontram, a cada passo, nas biografias de reis, príncipes e grandes do mundo, reduzindo êsses casos a justas proporções. Inimigos devia tê-los D. João II, aos montes. Defendia-se com crueldade ferina, dando a impressão de que no seu cérebro perpassavam, por vezes, ondas sanguinárias, do tipo mórbido de perseguidor. O Duque de Bragança é executado em Évora, o Duque de Viseu, seu cunhado, é por êle próprio cerzido a punhaladas, o arcebispo de Évora morre na cisterna do castelo de Palmela, os que trazem a etiqueta de conspiradores são degolados. Nem os que fogem são poupados em terras estrangeiras. Êste passado truculento e as dissensões com a Rainha D. LEONOR, a-propósito do príncipe D. JORGE, pendiam em favor dum crime, provável envenenamento, como era de uso nesses tempos. RICARDO JORGE, através da sua erudita exposição, chega à conclusão de que El-Rei morreria duma simples nefrite crónica, não havendo, portanto, motivo para dar remate trágico ao drama da sua vida. Ficam-lhe apenas, no caminho, as perseguições e as vítimas de receios e rancores a ensombrar as suas notáveis qualidades de reinante.

RICARDO JORGE não se prendeu apenas a assuntos históricos dos séculos idos, médicos e extra-médicos. Abordou também grandes individualidades, dum próximo passado, que floresceram na arte de HIPOCRATES, fornecendo assim o seu depoimento à posteri-

dade. Citarei, entre os de maior vulto, o seu livro *A-propósito de Pasteur*. No século passado nenhuma outra descoberta igualou a obra genial do grande francês, glória da humanidade. RICARDO JORGE realça a sua acção como base do progresso da epidemiologia e faz de PASTEUR o porta-estandarte da sua fé, na defesa dos grandes interesses sanitários da colectividade.

Os médicos portugueses também mereceram a sua atenção. Não devo esquecer, até porque isso interessa à nossa Faculdade, as palavras que rendeu à memória querida do Prof. BETTENCOURT RAPOSO, espírito de levantada envergadura que passou pela Escola e Faculdade, dispersando talento e vivacidade, e veio, já retirado do mundo, a falecer em Bucelas, apenas seguido e acompanhado por amigos, entre os quais tomava o primeiro lugar RICARDO JORGE. A-propósito da inteligência brilhante de RAPOSO, sempre vigilante nos tempos de actividade, escreve: «Prega-se à bôca cheia o exercício físico: trazem-se em redopio as canas dos braços, as canelas das pernas, os nós da espinha — mas poupam-se as pregas dos miolos, encolhidas e mimosas no aconchego das meninges». Esta nota curiosa, perdida na apreciação do biografado, representa uma crítica exagerada, mas no fundo justa, às tendências excessivas da educação física em detrimento do desenvolvimento da vida psíquica.

BETTENCOURT RAPOSO, cuja acção como médico e até como cirurgião merece ser lembrada, foi tradutor do famoso poema latino de FRASCATÓRIO sôbre a *Sifilis*, tradução que me foi solicitada por WALTER FREEMAN, da América do Norte, e que agora vem citada no cômputo geral das traduções de FRASCATÓRIO, que muitas têm sido. Pena é que a tradução não esteja completa. Lembrei a sua conclusão a BETTENCOURT RAPOSO depois que soube, em Londres e na Suíça, da importância agora dada ao poema. Escusou-se por julgar que lhe faltavam fôrças para retomar a emprêsa que levou além de meio.

Era vernaculista, e RICARDO JORGE não deixa, evidentemente, de o acentuar. Refere-se com louvor aos seus *Contos*. Aprecia-o como poeta, cantor da natureza aldeã. Entretinha-o a poesia no declinar da vida, sempre com a costumada vivacidade e imprevisto, características do seu modo de ser.

Da nobreza e requintes de carácter de BETTENCOURT RAPOSO, diz o seu biógrafo: «Uma jóia, água de diamante azul sem jaça,

Spleno-hepatil

o numero de globulos diminui! amenica

Spleno-hepatil

5000 000

200 000 + P

Alimento - vegetal

”

Ceregumil

Fernández

**Alimento vegetariano completo á base
de cereais e leguminosas**

Contém no estado coloidal

*Albuminas, vitaminas activas, fermentos hidrocarbonados
e principios minerais (fosfatos naturais).*

**Indicado como alimento nos casos de intolerâncias
gástricas e afecções intestinais. — Especial
para crianças, velhos, convalescentes
e doentes do estômago.**

Sabor agradável, fácil e rápida assimilação, grande poder nutritivo.

FERNANDEZ & CANIVELL — MALAGA

Deposítários: GIMENEZ-SALINAS & C.^a

240, Rua da Palma, 246

LISBOA

oiro de 24 quilates sem liga. Vasado todo em verdade e rectidão, era um justo, isento, quanto humanamente possível, de mal sentir, mal pensar e mal fazer». Retrato perfeito e adequado. RICARDO JORGE recorda-o na sua amizade: «Desde o mear da idade, naquela camaradagem da Escola de Lisboa que me redimiou, magnânima, num lance mortal, nos ligámos com BETTENCOURT RAPOSO em intimidade crescente até ao sol-pôsto da vida».

A morte dêste camarada e confidente, amigo de tôdas as horas, as certas e as incertas, feriu profundamente a sensibilidade de RICARDO JORGE. Foi a Bucelas acompanhá-lo à última jazida: «A noite acaba de amortalhá-lo», e na quietação do pequeno cemitério deixou-lhe o seu último e comovido adeus.

Irritava-se RICARDO JORGE quando, em artigos médicos, mesmo nos colunas dos jornais, encontrava dislates que considerava atentados à integridade e pureza da língua pátria, de que se tornou guardião eficaz e atento. Muitos artigos saíram da sua pena a corrigir ou a verberar dizeres e palavras que estavam fora das normas da boa linguagem portuguesa.

Tinha, como o Prof. MAXIMIANO CORREIA, eu, e outros, o bom desejo de ver unificada a escrita e prosódia dos termos médicos, alguns dêles vasados do estrangeiro em moldes que nos não pertencem. Na revista médica — *Clínica, Higiene e Hidrologia* — de Fevereiro último, publicou o artigo «Epidemia mental do português e os génio-glossos dos médicos», segundo creio, o seu último trabalho aparecido em letra-de-fôrma. Em seguida e sôbre assunto similar, vem uma pequena nota de minha autoria. Aparecemos ali de braço dado e, de braço dado estivemos para seguir para a última viagem neste ano fatídico de 39. Quis a boa fortuna que balas homicidas me não matassem; e assim, ainda fiquei à espera de vez, podendo render-lhe hoje esta pequena homenagem, em que, infelizmente, não sei dizer tudo o que penso e sinto, em honra de sua memória.

*

*

*

No mundo das letras foi RICARDO JORGE um investigador e um artista, e embora eu muito o aprecie como criador de páginas que, lidas, nunca mais esquecem, não posso deixar de pôr em realce

a sua acção como esquadrinhador do passado em matéria literária, porque se avanta a tudo o que há feito. Quero referir-me, em especial, a uma das suas obras primas: *Estudo biográfico e crítico sobre Francisco Rodrigues Lôbo*, a que D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS não regateou louvores, considerando-o «critica disciplinada e arguta». Estudo pesquisado nas mais difíceis fontes: manuscritos e velhos documentos, a que não faltaram investigações feitas no British Museum, tudo foi joeirado por um são e justo critério. Segue-lhe a vida par-e-passo, na casa de Vila Real, na casa de Bragança, nas suas amizades e relações, nas influências vindas de Castela e aprecia tôda a obra literária (Diálogos, Éclogas, Epopeia, etc.), dando-lhe o vulto que merece o grande escritor seiscentista. Êste modelo de trabalho de investigação literária foi sugestionado pelo soneto que abre a obra de ALEIXO DE ABREU, *Tratado de las siete enfermedades*, e que FRANCISCO RODRIGUES LÔBO dedica ao seu autor. Tantas vezes andaram associadas medicina e literatura nos antigos tempos que, de um volume sôbre enfermidades, pôde RICARDO JORGE tirar indicação para profundar a biografia dum dos mais célebres homens de letras portuguezes, ao tempo um pouco esquecido.

Na polémica evidenciou-se RICARDO JORGE esgrimista de grande perícia, impondo-se ao respeito dos adversários. Todos receavam afrontá-lo. Por vezes trocava o florete pelo estadulho com que vinha a terreno, procurando brigas violentas e contundentes. Entre tôdas as suas lutas literárias, toma primacial lugar a que teve com Teófilo Braga, de que nos legou um opúsculo: *Contra um plágio do Prof. Teófilo Braga*. A última vez que o lêmos a fazer crítica áspera, foi no artigo de 1937 (*Medicina Contemporânea*): «Palavras mal proferidas» e ainda «Postfácio às — Palavras mal proferidas».

Não têm êsses trabalhos, a-pesar do brilho da sua prosa agressiva, o valor de outros da autoria de RICARDO JORGE; mostram, todavia, uma feição de lutador implacável e decidido, quer escrevendo, quer discursando. Algumias vezes o conhecemos nesta fase.

Como crítico de arte, na pintura e na arquitectura, a sua pena legou-nos preciosidades, entre as quais o livro *El Greco*, impresso em 1913, que teve origem na leitura dos «Apólogos dialogais» do nosso D. FRANCISCO MANUEL DE MELO. Muitas vezes conversámos a-propósito dêste pintor, quando apareceu uma publicação espa-

nhola dum crítico oftalmologista que pretendeu ligar a um defeito visual, a forma alongada das figuras, aspecto tantas vezes discutido nos quadros do apreciado pintor da escola espanhola. O livro de RICARDO é obra crítica do melhor quilate, que todos os que amam a arte pictural devem ter na sua biblioteca. Na arquitectura são inesquecíveis as páginas que dedica à catedral de Westminster, que «não tem a nudez nem o vazio das velhas catedrais», porque é habitada. «As suas abóbadas abrigam, encostadas ao rés das paredes e aos pègões dos pilares, as moradas dos mortos — e que mortos!».

E mais abaixo:

«Pitoresco e ao mesmo tempo augusto êste panteão, verdadeiro santuário onde a Inglaterra deposita piedosamente os seus glorificados. Pátria de grandes homens, acalenta-os em vida e dá-lhes o descanso eterno neste campo-santo. Vivos ou mortos, aos seus filhos trata-os como mãe, não como madrasta. A nação assim nunca poderá faltar nem quem a sirva, nem quem a honre. Atestado de grandeza no quer que seja e qualquer que seja a posição social, sem outros privilégios senão os da eminência espiritual, sem outras predilecções senão as da superioridade, tal a única exigência do Caronte que conduz corpos e nomes aos Campos Elísios de Westminster. Topam-se ali tôdas as categorias — o nobre e o plebeu, o guerreiro e o sacerdote, o sábio e o poeta, o escritor e o artista, o marinheiro e o explorador, o estadista e o cómico, etc., etc. É a consagração omnímota do civismo britânico.»

O conjunto da Catedral de Westminster recorda-lhe «aque-
loutra maravilha que a vara milagrosa da vitória fêz surdir no
chão dos lusos. A Batalha!... Revejo com orgulhosa saúde a
sua nave guindada como a que tenho diante dos olhos, a floresta
das suas colunas, a copa das suas arcarias, tôda a sua vastidão,
elegante e harmónica». Embrenha-se depois em comentos histó-
ricos e daí resvala para o problema, tantas vezes discutido, da au-
toria do nosso monumento máximo, em que permanece a luz
bruxuleante que eternamente há-de acompanhar na sua jazida o
soldado desconhecido, personificação do valor e do sacrificio le-
vados por Portugal à Grande Guerra. Considera a Batalha obra
de mestre que se fêz «nas melhores oficinas maçónicas da Ingla-
terra e da França».

Este trabalho de RICARDO JORGE, como todos os demais, denuncia a pujança do autor, a sua profundidade na apreciação das determinantes que levaram os povos à construção dos seus monumentos e a sua invulgar cultura no campo artístico. À obra médica e profana, de investigação científica e artística, nunca melhor se ajustou, como ao Mestre português, o verso de Vergílio:

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.

*

* *

Além de tudo o que fica dito, RICARDO JORGE foi um criador de arte, literato de alto coturno. O seu léxico, que torna a sua prosa, especialmente a dos últimos anos, de uma riqueza de linguagem sem par, afluê-lhe naturalmente ao bico da pena. Maneja-a com facilidade e familiaridade. Por vezes parece mesmo excessiva; mas é o seu estilo, tão pessoal, tão característico, que nenhum outro se lhe aproxima. Houve quem aventasse que procurava imitar CAMILO. Na vernaculidade sim, no estilo só podem dizê-lo aqueles que não leram os dois autores, nem cotejaram textos derivados dos dois grandes mestres da língua.

Nos seus livros de crónicas: *Canhenho dum Vagamundo e Passadas de Erradio*; no volume *Camilo e António Aires*, há a notar, além do valor intrínseco das suas impressões artísticas ou das rebuscas feitas, um estilo frondoso, empolgante, rico na forma e sonoro no ritmo. Ao ler-se alto, a música das palavras mostra tonalidades diversas, em que há vibração e vida. Nos seus livros e artigos perpassam clarões, rugem tempestades e cantam aves canoras; projectam sombras e divisam figuras de artísticas formas em que há fôrça e movimento e côr, muita côr, de raro e diverso matizado. Quer descreva quadros de museu, quer foque um aspecto de rua ou o público de uma assembleia, quer fotografe um poente visto das montanhas ou uma paisagem da planura, RICARDO JORGE imprime à sua prosa o tono vital que dá alma às cousas.

Descrevendo a «National Gallery» de Londres, põe diante de nós os primitivos: com os seus anjos a entoar ao «Cristo da Glória uma sinfonia de vermelho e azul» que nos alteia até as figu-

ras extra-terrestres de FRA ANGÉLICO, o divino mago do convento de S. Marcos; a resignação suavemente sofredora do *Cristo na Cruz*, de PESELLINO; a *Natividade*, de DELLA FRANCESCA, de tão leve contextura que a gentileza e a vida dos anjos em côro dá a impressão, é sua a frase, dum «instantâneo de canto que parece ouvir-se». Tôda esta crítica pictural é, acima de tudo, uma obra literária, pelos conceitos e pela riqueza do estilo. Aprecia, em seguida, os pintores italianos da renascença, os flamengos, os germânicos, os espanhóis, os franceses. A cada um dêles dedica RICARDO JORGE a palavra ou frase que marca a sua impressão artística.

Interessa-me mais saber as opiniões dos grandes homens — e RICARDO pertence, sem favor, a essa categoria — do que ler as críticas dos técnicos, recheadas de minúcias que, em geral, nos não interessam. A impressão sentida por escritores de eleição após a observação de um quadro de mérito, é uma página viva vibrando uma sentimentalidade apurada em que há alguma coisa de inédito. O quadro permanece para o admirarmos, a apreciação revela a passagem das imagens por um filtro superior, que as joeira, mostrando um aspecto novo da vida da tela. Por isso as impressões de arte dos homens que consideramos acima do nível normal, são um complemento que sobremaneira valorizam os quadros. A crítica de RICARDO JORGE é, neste terreno, de especial valor para mim. O que escreve dos pintores inglêses é cheio de pitoresco e de verdade. Em muitos casos batem unísonas as nossas vibrações estéticas.

HOGARTH, REYNOLDS, GAINSBOROUGH e RONNEY são superiormente tratados. RICARDO JORGE deixou-se prender de preferência por GAINSBOROUGH. Um outro grande pintor, GREUZE, legou-nos telas frescas e sedutoras em que vivem figurinhas de raparigas de pele rosada e olhar claro. Não se divisam nos seus quadros as contracções dramáticas que vincam os sentimentos e as paixões nos rostos e nas atitudes. Assim é GAINSBOROUGH, e esta feição artística muito seduziu RICARDO JORGE: «As brincalhonas filhas a correr no folgado, a aristocrática Mrs. ROBINSON em Hertford e emfim Mrs. SIDDONS, a celebradíssima actriz, radiante de talento e de graça, o tipo mais refinado de beleza britânica». Vem aqui à colação referir um episódio, final de acto da crónica a que nos estamos reportando. RICARDO JORGE visitou, com outros congres-

sistas, a «National Gallery». Comandava a caravana Miss ANDRÉ, «um encanto de mocidade e de galantaria», que, tendo notado o interesse que RICARDO JORGE tomara pelos mestres ingleses, lhe serviu de constante cicerone, pois a-pesar dos seus dezóito anos era «conhecedora a valer dos segredos da arte».

Damos agora a palavra ao nosso biografado:

«Fazia um sol esplêndido em Trafalgar Square; descemos na corrida dos automóveis a rua ministerial de Whitehall, para nos embrenharmos nas áleas do Hyde Park — um passeio romântico e inolvidável. Ao passar pelos *Horse-Guards*, tão pitorescos na sua farda encarnada e barretina, exclamo espavorido: Ai! que lá vêm os soldados sôbre nós, porque imaginaram ao vê-la, Miss ANDRÉ, que levamos aqui no automóvel, roubado do museu, um GAINSBOROUGH! O azul sereno dos seus olhos não se turvou, apenas um sorriso discreto acolheu o madrigal, sentida homenagem dum peregrino do país dos amavios à beldade ofuscante da mulher inglesa e ao poder retratual dos seus artistas».

RICARDO JORGE já tinha alcançado a maturidade dos anos que consente gentilezas, sobretudo quando têm a elegância daquela que disse. Miss ANDRÉ não a esqueceu, por certo, mesmo ao pô-la em confronto com galanteios de novos.

RICARDO JORGE deixa na literatura portuguesa jóias de inestimável valor, ora roçando pelo misticismo, ora de uma realidade palpitante. Não queremos terminar êste artigo sem o valorizarmos com a transcrição de dois trechos que podem colocar-se, sem favor, ao lado do que melhor se tem escrito em língua portuguesa. O primeiro é o final da oração pronunciada, há dez anos, sôbre S. S. Pío XI, que dedica a *Uma santa*, sua espôsa, a quem se refere no início do primoroso discurso, a-propósito das razões que lhe apresentavam para o demover de aceitar a incumbência:

«Uma surgiu, porém, e pôde tanto comigo mal m'a sugeriram que sufocou tôdas as contrárias — a recordação duma alma piedosa que passou na vida banhada nos raios da divina graça. Perdoe-me S. Ex.^a, se a honra recebida, justamente por alta e distinta que é, a abnegue, para rendê-la à memória daquela devotíssima cristã que, se viva fôra, viria comungar neste lausperene onde exultaria a ouvir a voz do companheiro no côro do festejo».

Por tôda a oração perpassa a aragem suave duma religiosi-

dade elevada em que o seu espírito se comprazia, e cujos limites marca hábilmente no decurso da conferência. Lê-se e relê-se no encanto da pujança da linguagem; da larga e douta erudição em que a teologia é chamada a terreno e até no cuidado com que desliza sôbre o difícil assunto que aborda: a crença e a descrença. O seu último capítulo, — o opúsculo está separado em subtítulos —, é a jóia máxima dêste escrínio de preciosidades raras. Para aqui o transladamos, na íntegra, para que o leitor ousado que tenha levado a têrmo a leitura desta já longa, mas sempre insuficiente biografia, possa ter farta compensação à sua canseira:

«Há anos celebrava-se em Chicago com grande concorrência um congresso de religiões e, no final, sobe à tribuna um frade carmelita de figura ascética e iluminada a propor que, como remate, endereçassem juntos uma mesma prece que traduzisse a adoração ao Altíssimo e a caridade pelo próximo — ¿ qual havia de ser senão a oração dominical? *Pater Noster qui est in caelis*, que, ao compasso do religioso, em êxtase, se soltou a unísono das bôcas e corações do auditório. A oração dominical... as primeiras palavras seguidas que se me imprimiram a pouco e pouco na memória de criança e que tôda a vida ouvi rezar à minha beira... só a compreendi, em tôda a sua beleza, ternura e elevação, em Jerusalém, no cimo do Olivete, quando, no silêncio do expirar da tarde, a voz do Padre Nosso me vinha de todos os lados daquela imensa paisagem, a mais nobre e solene da terra — vinha do vale de Josephat, melopeia soluçada pelos enterrados, trementes ao juízo final — vinha do horto de Getsemani, suspirada da rocha da Agonia, do sangue suave que a ensopa, e das fezes do calis da amargura que queimara os beiços do mártir — vinha do côro vazio do Santo Sepulcro, através da lage partida pela espádua do ressuscitado — vinha da ribeira funda do Jordão, da sua veia que corre ansiada depois que baptisou CRISTO, das suas águas que, vai para dois mil anos, ao verterem-se do lago de Tiberiades, aprenderam o Padre Nosso, quando êle brotou fresco, sonoro e cristalino da garganta do NAZARENO, e o ficaram a murmurar eternamente — ... *Padre Nosso, que estais no Céu!...*»

Peroração formidável, cheia de unção mística dum eremita do deserto e do colorido policrômico dum Mestre da Renascença. ¿ Digam onde há pedaço de prosa que exceda esta maravilhosa

peça literária que um grande, um extraordinário artista, pôde conceber e soube realizar!

Tem a oração dominical servido de tema a muitas divagações literárias de autores religiosos e profanos. O nosso VIEIRA disserta de tal arte, num dos Sermões do Rosário, sobre as petições do *Padre Nosso*, que não sei de mais subtil argumentação nem de mais castiça linguagem. Até o teatro a tem exaltado, por vezes, à luz da ribalta. Ainda ecôa aos meus ouvidos a voz de EDUARDO BRASÃO a dizer os versos de FERNANDO CALDEIRA, na *Madrugada*:

Padre Nosso que estais no Céu, profundo, imenso,
Tendo a todo o infinito em vosso olhar suspenso...

Mas ninguém, como RICARDO JORGE, conseguiu dramatizar a Oração suprema dos cristãos, mais bela que a oração de PLATÃO a JÚPITER: *Jupiter da nobis bona...* Imprime-lhe tal vida evocativa, síntese da tragédia do Gólgota e das predições dos evangelhos, que não encontro nas *Orações* de ANTÓNIO CANDIDO ou nos *Ensaíos* de AIRES DE GOUVEIA nada que o iguale.

O segundo trecho a citar é tirado do artigo «Como se casou CAMILO», em que descreve os noivos, ambos arrasados pelos anos e sofrimentos; CAMILO torturado pela tabes, de que RICARDO JORGE o tratava, não tendo meios terapêuticos — ; como os não temos hoje! — para sustar a atrofia papilar, que seguia a sua marcha impiedosa, e D. ANA PLÁCIDO, envelhecida, enfermeira inigualável do grande romancista. O tardio casamento realizara-se. RICARDO JORGE surpreende os noivos sentados no sofá, satisfeitos, bem dispostos no seu infortúnio, revivendo talvez tempos idos. É assim o duplo retrato que faz de cada um:

«Sinto ao mirá-los no que tinham convertido êste par romântico as rajadas da vida e o desgaste dos anos. Ela, a bela sem par das salas do Pôrto, de corpo de ninfa, rosto de madona e donaire de princesa, tal como CAMILO ma descreveu um dia com fervor estético — uma velhinha agora, precocemente encanecida e arrugada, amassadas as formas outrora esbeltas, rosto lavrado pelas amarguras, mas guardando na feição e no olhar a bondade do coração e a fineza da inteligência. Êle, o SAINT-PREUX cavaleiresco, de bigodes em riste e juba leonina, gaseador

LISBOA MÉDICA

LABORATORIOS DEGLAUDE
15, BOUL. PASTEUR, PARIS (XV°)

MEDICAMENTOS CARDIACOS
ESPECIALISADOS

GIMENEZ-SALINAS & C°
246, Rua da Palma
LISBOA

SPASMOSEDINE
SEDATIVO CARDIACO



DIGIBAÏNE
TONICO CARDIACO

os 2 medicamentos cardiacos essenciaes

IODAMELIS LOGEAIS

Iodotânico estavel derivado da hamamelidina

GOTAS E COMPRIMIDOS

de 20 a 50 gotas ou 2 a 6 comprimidos por dia as refeições

Doenças do aparelho circulatório

Perturbações utero-ovarianas

Doenças do aparelho respiratório e da nutrição

OPO- IODAMELIS LOGEAIS

Associação do iodotânico do IODAMELIS
com a organoterapia masculina ou feminina

COMPRIMIDOS

dose media : de 2 a 6 comprimidos por dia

FORMULA MASCULINA • FORMULA FEMININA

**Deficiências endocrínicas • Disendócrinas da donzela
da idade madura e da mulher**

NAIODINE LOGEAIS

Solução estabilizada de iodeto de sódio quimicamente puro

SOLUÇÃO A : Injeções intramusculares de 20 a 40 cc por dia.

SOLUÇÃO B : Injeções endovenosas de 20 a 40 cc por dia.

Todo o síndrome doloroso agudo ou crónico

Nevralgias - Algias rebeldes

THIO-NAIODINE LOGEAIS

INJECTAVEL

Complexo IODO - ENXOFRE - MAGNESIUM
em solução injectável

SOLUÇÃO A : Injeções intramusculares de 5 a 20 cc por dia.

SOLUÇÃO B : Injeções endovenosas de 10 a 40 cc por dia.

**A doença reumática crónica,
quer que sejam a etiologia, a forma ou a sede**

THIO-NAIODINE COMPRIMIDOS

Complexo IODO - ENXOFRE - MAGNESIUM

associado aos sais de LITHINA e à VITAMINA B₁

Todas as doenças por carencia de enxofre

Reumático crónico - Afecções das vias respiratórias

Doenças do fígado e da nutrição

LABORATORIOS **JACQUES LOGEAIS**, ISSY LES MOULINEAUX - PARIS

AGENTES GERAIS E EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLONIAS :

A. GENIMEX FARMACEUTICA, Lda, 27, Rua João de Deus, VILA FRANCA DE XIRA

de orelhas de damas e devassador de alcovas, de peito dado à arte de amar e a cabeça ao amor da arte, galhardo, bizarro e altivo, está ali alcachinado e encornicado como o seu ancestral VOLTAIRE, imagem somática do escalavro e das provações angustiosas, em que da vida exuberante resta só, por baixo da enorme pala do boné, o fuzilar das pupilas onde já mal entra a luz e o brandir da língua sempre açacalada e cinzelada como adaga florentina. Um único esplendor lhes nimba as cabeças caducas — o amor —, o único imponderável da vida contra o qual se esbarra o poder brutal dos anos».

Vigorosa pintura em que os claros e os escuros alternam em contraste, com efeitos opostos de luz e de côr. É o impressionismo numa tela complexa em que se nota a evolução de dois seres arrastados na torrente da vida, jungidos para sempre um ao outro no baptismo do martírio que começou nas grades da prisão e terminou na tristeza trágica da vida em que a luz dos olhos se apagou. Sente-se palpar nesse pedaço de prosa cintilante a alma torturada do grande romancista e a melancolia amargurada da companheira que o seguiu, amando-o, pela existência fora.

Nesse mesmo artigo recorda RICARDO JORGE: «Já perto da hora derradeira, quando o seu estro poético mais se apura, como se fôra o cisne da fábula, soube — CAMILO — exprimir o bem e o mal dessa estesia íntima neste fecho de soneto, ao mesmo tempo confissão, remorso e penitência, Deus sabe de quantos pecados:

Em grande amor te dei grande amargura,
Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.

O que RICARDO escreve sobre CAMILO tem uma união especial, um requinte de penetração psicológica em que vive a devoção da sua estima e brilha o facho da sua admiração. O artigo a que amputámos os pedaços de prosa acima transcritos, é um descritivo dos episódios trágico-cômicos que rodearam o casamento do grande cultor da língua portuguesa, delineador das preciosas novelas que hão-de sempre ser lidas com paixão. A prosa de RICARDO JORGE é digna do solitário de Seide. É forte, de intensidade luminosa, mas suaviza-a a tristeza que ensombra o semblante do amigo que vê descer pouco a pouco o manto escuro do irreparável sobre uma vida em que relampejava o génio.

*

* *

Estava em Coimbra a festejar, com os poucos condiscípulos que restam, o 40.º aniversário da nossa formatura e onde a amizade, consolidada na casa dos sessenta, esteve em lausperene. Ali recebi a tristíssima nova do desaparecimento de RICARDO JORGE. O seu espírito: síntese do seu saber, do culto da ciência, das artes e das letras veio até mim. Ungi-o com a minha saúde e orvalhei-o com lágrimas que rolaram. Os anos e a doença exacerbaram a minha emotividade; mas não foi a hipersensibilidade mórbida que me deu a súbita comoção; vinha de mais fundo, da base estrutural da minha sentimentalidade normal, da minha amizade e até da minha gratidão. Prendeu-nos sempre uma grande estima. Nas manhãs em que o visitava provocava a conversa e ouvia-o. Havia sempre que aprender. Relatando episódios do passado, em que escondia a sua personalidade, mesmo que fôsse protagonista; apreciando factos da vida presente, de arte, ciência, política; criticando atitudes; mostrando as injustiças da nossa terra e de outras terras; aspirando a progressos e a melhores desígnios, o seu espírito elevava-se às maiores alturas. Era um banho de luz o seu dissertar que, às vezes, me encandecia, fazendo com que chegasse a deshoras ao Hospital. Eu tinha necessidade de passar, de quando em vez, pelo campo de Sant'Ana, a visitar o cenobita do segundo andar do Instituto que, felizmente, guarda o seu nome. A sua morte leva um dos poucos encantos da minha vida numa hora em que os amigos rareiam e as almas de eleição de meu convívio vão passando à paz muda do túmulo.

Deu-me a incumbência dêste artigo um amigo a que não podia faltar. Sabia as minhas condições de saúde e o afastamento em que estava dos meus livros. Para aqui, para esta sossegada estância transmontana mandei vir alguns volumes de RICARDO JORGE e, servindo-me da minha fraca memória que, uma vez ou outra, me deve ter atraído, deitei mãos à obra, que tinha um prazo limitado para entrar em composição.

RICARDO JORGE voltou a estar comigo, sentou-se a meu lado e com êle compartilhei, dando-lhe, como de direito, a maior parcela, no artigo que vou concluir. A colaboração transcrita absolve tôdas as deficiências da obra, que merecia, por todos os títulos,

ser mais profunda e mais cuidada. Aproveita assim mais o leitor topando, a cada passo, a linguagem castiça do maior médico-literato que teve Portugal. Eu também lucrei por ter tido ensejo de, mais uma vez, ler e rebuscar na obra imensa do Mestre lampejos e cintilações do seu espírito, que subiu tão alto que ultrapassou os limites do existente para entrar na eternidade.

Vidago, 18 de Agôsto de 1939.

EGAS MONIZ.

RICARDO JORGE E O PÔRTO

Ao cair destas tardes de fim de estio, à hora em que apetece solidão, gosto de me sentar num tôsko banco de pedra, debaixo da ramada que cobre a entrada da minha casa. De-certo, muita vez nêle se sentou RICARDO JORGE, a conversar com PEDRO DIAS, dono da vivenda, seu mestre, amigo e médico. Nêle ouvi notícias dessa intimidade, da bôca do velho SOARES, bom lavrador meu vizinho, que acompanhava RICARDO pelas bouças do arrabalde, a atirar aos pardais.

Aqui, neste pátio, de rústica feição, conviveram amigos de PEDRO DIAS que eram seus colegas na Escola Médica; no dia de S. Pedro, o patrono da casa, aqui se juntavam, folgando como rapazes.

RICARDO amava estas paragens da antiga aldeia de Paranhos, então ainda como que subúrbio da cidade. Muitos anos viveu no cabo da Rua da Rainha, a dois passos desta casa. O *Ex imo* do ante-rostro das *Origens e desenvolvimento da população do Pôrto*, e o prefácio da separata do elogio a SOUSA MARTINS, são assim datados: Paranhos, 17-12-96; Paranhos, 27-11-97.

Neste ambiente que lhe foi querido, da terra a que êle nunca deixou de pertencer, vou lançar ao papel algumas notas, como homenagem de alguém do Pôrto, embora a sinta mesquinha e a ambicionasse enorme.

A minha primeira lembrança de RICARDO JORGE data do episódio da peste, em 1899. Era eu então rapazinho da Politécnica, e ouvia meu Pai verberar a insânia das gentes da cidade e o desvairo das gazetas. Recordo-me de se contar que, uma manhã, colocaram à porta da moradia de RICARDO um alguidar e uma faca, à guisa de ameaça de degolação do «inventor da peste», que maltrataram nas ruas.

Foi talvez essa ocasional notoriedade que me levou a ler os

escritos de RICARDO, ainda nos bancos escolares. Apaixonou-me a *Demografia e higiene da cidade do Pôrto*, que me inspirou uma dissertação sôbre mortalidade infantil. E dêsse estudo, feito nos ditosos tempos da mocidade, datam as minhas relações pessoais com aquêlê de quem só recebi atenções sensibilizadoras e preciosos conselhos, sem que da minha parte houvesse qualquer razão para os merecer. Não escondo esta nota íntima, porque desmente o falso conceito, que já ouvi, de alheamento egoísta e desprezo pelos modestos trabalhadores da medicina.

Pelo contrário. RICARDO JORGE prestava atenção a tudo quanto se escrevia, e particularmente ao que vinha do Pôrto. A-pesar-de muito cedo ter deixado de exercer a clínica, tôdas as facêtas da medicina, arte e ciência, lhe eram familiares. Tudo lia. E se o juízo era severo por vezes, quási sempre (ao invés do que muitos supõem) era de generosa bondade e de animador estímulo. O mesmo interêsse se manifestava para com os que serviam a saúde pública: tôda a dedicação encontrava recompensa de aplauso e incitamento.

Aquêles que tiveram a felicidade de privar com êsse grande espírito, breve juntavam à admiração por um cérebro privilegiado o sentimento da amizade reconhecida. ? ; Com quantos terá sucedido o que comigo sucedeu ?!

RICARDO JORGE era filho de um humilde operário, que à fôrça de trabalho logrou estabelecer-se. Êle nos diz que o pai viera de Vilharigues, terras de Lafões, «buscar trabalho numa oficina de ferreiro da Rua da Sovela, onde nasci, atravessando de inverno as alturas do Rêgo de Chaves a pé descalço — aquêlê pé de que devia beijar o rasto».

A sua infância decorreu em pobre morada, entregue ao estudo, que amou desde pequenino. A saúde dela, a veneração pelos que o geraram e criaram, eram de funda raiz no coração de RICARDO. Quem professe iguais sentimentos, não lerá de olhos enxutos a evocação tão linda que dela nos deu no *Ex imo*:

«A pequena casa cedo se enchia do moirejar do trabalho; antes do dia, ainda em «casa de CRISTO», para cada um nascia a sua canseira. Apegado ao calhamaço do latim, aconchegava-me à beira de minha mãe; girava o fuso ou rodava a dobadoira...». «Em baixo, resfolegava a forja, soprando para a rua um clarão

vermelho; a espaços chispava o martelo candente na safra; e enquanto não caldeava o ferro, meu pai cantava contente a sua moda predilecta:

Meu filho eu tive um sonho
Qual era do meu agrado...

Aos vinte anos, ao findar o seu curso médico, RICARDO era já alguém, a impor-se sem discussão possível. A Escola em que se formara abre-lhe prestes as portas do corpo docente, no qual iria brilhar pelo espaço de quási vinte anos. O sonho do pai tornara-se realidade. Os *Heróis do trabalho*, de TISSANDIER, não podiam topar com mais apropriado tradutor.

A formação mental de RICARDO JORGE foi influenciada poderosamente pela norma dos estudos liceais dêsse tempo, ainda de culto pelas humanidades, e pelo ambiente intelectual portuense dos meados do século passado. Dos poucos artigos da imprensa diária por ocasião da sua morte, há um em que se vinca, com perfeita justeza, a nota de homem do Pôrto e de humanista; é o de AUGUSTO DE CASTRO, no *Diário de Notícias*. Dêle respigo:

«Nascido no Pôrto, ficou sempre, através dum cosmopolitismo sòmente de aparênciã, um portuense. Ser portuense da geração a que RICARDO JORGE pertenceu não era apenas ter nascido nos Clêricos, na Boavista, ou Rua das Flores, ou ter freqüentado a Praça Nova e a Cordoaria. Há cinqüenta ou sessenta anos o Pôrto, minha inolvidável terra, tinha ainda, inconfundivelmente, a sua literatura, a sua arte, as suas gravatas, os seus grandes homens, os seus cenáculos, e os seus janotas. O portuense era um bairrista...» «Havia uma literatura do Pôrto, uma ciência do Pôrto, uma política do Pôrto. Uma das características dessa verdadeira escola era o seu feitio polémico, o seu retraimento um pouco boémio e romântico. CAMILO imprimira com o seu gênio, à vida portuense, na segunda metade do século passado, uma feição que foi, mais do que literária, social, e levou perto de cinqüenta anos a perder-se: o estadulho, uma certa truculência de estilo, um gongorismo nas imagens e nos chapéus, o gôsto pela erudição vistosa, pela discussão e pela literatura, — e uma incorrigível tendência para olhar de alto Lisboa.»

Não me consta que RICARDO JORGE mostrasse, extremadas, estas verídicas peculiaridades mesológicas, e algumas repudiava, como a do ouropel da erudição. Mas as expressões da sua intelectualidade teriam, necessariamente, de sentir o seu pêso, acrescido da convivência com CAMILO; e o fundo ficou sempre com essas qualidades fundamentais, de batalhadora independência mental e de ardente paixão artística.

O Pôrto dessa época, e particularmente a sua feição literária, descreve-o RICARDO no *Ramalho Ortigão* e no *Camilo e António Ayres*, e aparece em salpicos evocativos por várias páginas da sua obra. Conheceu-o bem e dêle participava. No entanto, apesar dessas circunstâncias, RICARDO foi inconfundivelmente êle, com personalidade vincadamente própria, tal como o seu biografado RAMALHO, outro tripeiro de cepa e seiva.

Dentro dessa constituição, havia um espírito de extraordinária agudeza e receptividade universal. Como admiravelmente o define AUGUSTO DE CASTRO: «Êste grande humanista, profundamente do século XIX, se tivesse vivido no século XVI, teria sido companheiro de ERASMO e DAMIÃO DE GÓIS.»

Como lente da Escola do Pôrto, RICARDO marcou lugar primordial, logo reconhecido pelos mais velhos. Aos poucos anos de docência, escolhem-no para seu representante no Conselho Superior de Instrução Pública, onde, meses volvidos sôbre a criação dêste organismo, apresenta o célebre relatório de 1885, sôbre as necessidades do ensino, magnífica análise às deficiências da instrução médica, então falha de recursos materiais de demonstração e estudo.

À obra acompanhava a palavra; deitou-se a trabalhar, num esforço de suprir, com os próprios meios, as faltas que avultavam quando pelo mundo corriam as descobertas de PASTEUR e as revelações de VIRCHOW. Êle ô conta com singeleza: «Pôde tanto connosco essa carência que, mal entrado na Escola em 1880, nos consagrávamos avidamente ao aprendizado auto-didáctico da histologia primeiro, da fisiologia experimental depois, e da bacteriologia por fim; com gasto de tempo e de trabalho que significava dano de interêsses, mas ao menos estava satisfeito um gôsto da vida intelectual.» RICARDO foi, na Escola do Pôrto, o introdutor das ciências experimentais. Montou o primeiro laboratório de mi-

croscopia e fisiologia, no regresso de viagem ao estrangeiro, à cata de progressos a introduzir no ensino (1883). Instituiu um curso livre de neurologia, matéria das suas dissertações. Quem ler a conferência de HERNANI MONTEIRO que resume a história da antiga Escola, pronunciada na comemoração centenária da reforma de PASSOS MANUEL, a cada página dá com o nome de RICARDO JORGE; quási não houve aspecto da actividade escolar em que não marcasse.

Sempre com elogio, que dizia saúde, falava da casa onde estudou e professou. Um exemplo entre muitos, o da referência no prefácio ao belo livro de EGAS MONIZ sôbre JÚLIO DENIZ, a maior glória literária da medicina portuguesa :

«A escola portuense do tempo merecia um relance; nela demoravam professores de mérito e talentos. O ensino da anatomia era feito modelarmente — não sei onde ao tempo nas escolas estrangeiras se fizesse melhor.— e a clínica cirúrgica era regida por um operador de primeira grandeza, ANTÔNIO BERNARDINO DE ALMEIDA, figura primacial da cirurgia nacional, que à vontade ombreia com ANTÔNIO MARIA BARBOSA. Havia homens doutos, de raro brilho no saber e na palavra, como LUIZ ANTÔNIO e o egresso CAMARA SÍNVAL, com quem CAMILO se relacionou desde estudante.»

Nunca esqueceu a velha casa-mãe. Recorde-se a ternura da alusão, ao começar da conferência que cá veio fazer, a-quando do Congresso científico luso-espanhol de 1921, sôbre intercultura de Portugal e Espanha :

«Nesta casa me criei, nela me fiz homem, nela professei logo ao sair dos bancos da Escola. A ela a homenagem das minhas primeiras palavras, a tudo quanto ela representa e a todos os que a representam agora. Tanto tempo se volveu, que nem estas paredes me conhecem e eu próprio me desconheço, ao ver-me no seu recinto. Tudo está mudado, e eu o mais mudado, menos o sentimento fixo que vinte e dois anos de exílio não deliram, tão vivo como no instante do meu forçado apartamento.»

Recorde-se, também, a veneração expressa ao apontar méritos e amizades, no quadro dos lentes à sua entrada no professorado, o grupo «Beati mortui» (*Portugal Médico*, Abril de 1937). E o expandir de affectos no elogio de MAXIMIANO LEMOS.

Em 1884, com as famosas conferências sôbre higiene social proferidas na Escola Médica, diante de numeroso público, inicia



UM PRODUTO SÉRIO

ANÁLISE-TIPO

MATÉRIA GORDA.....	7,8 %	HIDRATOS DE CARBONO SOLUVEIS	
PROTEÍNAS.....	13,5 %	LACTOSE.....	} 55,6 %
AMIDO.....	19,5 %	SACAROSE.....	
CINZAS.....	2,1 %	MALTOSE-DEXTRINA.....	
ÁGUA.....	1,5 %		

CALORIAS 436 POR 100 GRAMAS

A MARCA DE CONFIANÇA

FARINHA LACTEA NESTLÉ

PREPARADA PELA

SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS

Concessionaria exclusiva dos

PRODUTOS NESTLÉ

PORTO

AVANCA

LISBOA

Nestogéno

LEITE EM PÓ NESTLÉ

(NOVA FÓRMULA)

«Nestogéno» é o extracto do melhor leite português da riquíssima região de Avanca, meio-gordo, obtido pela dessecação imediata.

Hidratos de Carbone: «Nestogéno» contém quatro espécies diferentes de açúcar: a lactose do leite fresco original, a sacarose, a maltose e a dextrina.

Vitaminas: O processo de fabrico assegura, no «Nestogéno», a máxima persistência das propriedades bioquímicas do leite fresco.

ANÁLISE:

Gorduras	12,0 %
Proteínas	20,0 »
Lactose	30,0 »
Maltose-Dextrina	15,0 »
Sacarose	15,0 »
Cinzas	4,7 »
Agua	3,3 »
CALORIAS POR 100 GRS.	432 »

INDICAÇÕES:

O «Nestogéno» é um excelente alimento do lactante privado do seio materno. Tem também as suas indicações em todos os casos de hipotrofia, hipotrepia e atrepia, de debilidade congénita, de prematuração, nos períodos de readaptação alimentar, nas diferentes perturbações digestivas: vómitos, diarreia, dispepsias gastro-intestinais e nos casos de intolerância lactea.

LITERATURA:

Leite Lage, Cordeiro Ferreira e Teixeira Botelho (Serviço de Pediatria Médica do Hospital D. Estefânia-Lisboa — «Emprêgo de alguns produtos industriais em dietética da primeira infância. «Nestogéno», «Leite condensado», «Eledon». Medicina Contemporânea N.º 48, 27 de Novembro de 1932. R. Gireaux: — Le lait sec en diététique infantile.

Amostras à disposição de V. Ex.^a

SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS

PORTO

AVANCA

LISBOA

RICARDO JORGE a sua rota de higienista. Não é este o lugar próprio para a analisar em toda a sua extensão, nos seus propósitos e nas suas realizações, estas bem a quem de aquêles, por causas sabidas através das próprias confissões. Talvez um dia me abalance à edição dos conceitos de RICARDO JORGE sobre valores da higiene e possibilidades da sanidade pública; creio ter guardado bem os seus pensamentos, fixos na memória do que lhe ouvi e na letra das suas cartas. Aqui ficarão somente algumas breves referências ao que mais respeita ao Pôrto.

De uma vereação inteligente conseguira, em 1892, a criação da Repartição Municipal de Higiene, que se compunha de secção estatística, posto de desinfecção e pequeno laboratório de bacteriologia. Tudo estava instalado em barracão, nas traseiras da antiga Câmara, com entrada pela desaparecida Rua do Laranjal. Ali se elaboraram os boletins mensais, de 1893 a 1899, com material estatístico que serviu para escrever esse monumental volume do estudo demográfico da cidade, aparecido no ano da peste, ano de glória e tortura para RICARDO JORGE, que se revelou então bacteriologista exímio e epidemiologista de razão e pulso. Só a história dessa passagem da sua vida daria tómo de vulto.

Foi daquêlé modestíssimo barracão que saíram as primícias da futura actividade prodigiosa de RICARDO JORGE, em tal campo: o estudo da epidemia de Lisboa de 1894-95, a descrição de um novo vibrião das águas. Entre as conferências sobre *Higiene social* é o volume da *Demografia*, a inclinação crescente de RICARDO JORGE manifesta-se pelo trabalho sobre o *Saneamento do Pôrto*, publicado em 1888.

Depois, foi o exílio, como tanta vez dizia. Os fios invisíveis do destino atam-no a uma secretaria de Ministério; chumbado à grilheta do Terreiro do Paço, na sua pitoresca expressão. Festejara-o a classe médica do Pôrto pela reforma de 1900-1901. Foi o último grande abraço, o abraço da despedida.

Até 1902, trabalha denodadamente por criar uma orgânica sanitária capaz; os escolhos, porém, surgem com brevidade, e com êles o desânimo. Ao falar no centenário de PASTEUR, a queixa expande-se amargamente:

«O trânsito por essa azinhaga de uma função pública, agoniada a todo o momento para braço a que se não ajuste a manga de alpaca e para dedos que se não deixem tinturar pelos anjinhos

que HERCULANO temia, daria uma *íliada* tão trágica como humorística — encenada de BARTOLOS, ACÁCIOS e PACHECOS, dos que rodam em tórno dos ministros a tolher-lhes as mãos, preparando nas betesgas das secretarias e na intriga dos gabinetes o desfôrço das suas vistas baixas.»

Só o temor das epidemias abalava governantes e governados. Então o mêdo punha em acção, transitòriamente, a máquina sanitária cheia de improvisações ocasionais. A epidemia de tabardilho de 1917-19, ao cevar-se no Pôrto, acrescida pela chegada da pandemia gripal, forneceram ocasião para mostrar de novo a combatividade dos seus primeiros tempos de sanitarista prático. Mas o meio não permitia continuidade construtiva, nem facilitava o reacender de entusiasmos tão rudemente abafados.

Dessas fogueiras ficaram dois estudos excelentes, a enfileirar na série opulenta de monografias de epidemiologia, que são, em meu entender, o melhor da obra científica de RICARDO JORGE, tão perfeita que será sempre consultada com proveito; a começar pelos trabalhos sôbre a peste do Pôrto, de sua autoria ou firmados pelos seus discípulos e companheiros de trabalho, e a rematar com o exaustivo volume sôbre a febre amarela, impresso há pouco mais de um ano.

¿ Quem sabe se não terá sido um bem que o homem de acção fôsse substituído pelo homem de gabinete, a trabalhar entre livros, longe das lutas que tóda a realização traz consigo? Talvez não contássemos, na parca galeria dos polígrafos nacionais, a figura que entre êles avulta com excelso brilho, versando com a mesma proficiência os mais variados temas da ciência, da arte e da história, cujo inventário ficamos devendo a EDUARDO COELHO, na excelente notícia bio-bibliográfica de RICARDO JORGE, vinda à luz na *Lisboa Médica* (Julho-Agôsto de 1929).

Quando, há dois anos, celebrámos o centenário da Escola médico-cirúrgica, lembrei-me de trazer RICARDO JORGE, para presidir a cerimónia, como o mais antigo dos que foram os maiores ornamentos dela. A resposta ao convite, evocador dos princípios do seu labor científico e docente, encerra a expressão saudável desse período feliz da sua variada carreira:

«A sua carta, ontem recebida, deixou-me comovido e ator-

doado. Estou deixado de tudo e tudo me deixou. É a sorte dos velhos, sobretudo dos desabusados como eu. Nisto chegou-me a voz do Pôrto, dos que ainda se lembram de mim, dos que se lembram do que fui outrora nessa casa. Vieram-me as saúdaes de tantos anos e de tanta gente. Ressurgiu cheia de lume essa época doirada da minha vida. E a tentação de aceder e ir entrou comigo. Quanto mais lia a sua carta, mais ela recrescia.»

Nas laudas que então me escreveu, para combinar a sua parte na solenidade festiva, transparece a mesma recordação dos bons tempos do Pôrto, de envolta com o temor de se ver aqui olhado como relíquia inútil, a receber aplausos de complacência. Afinal a doença, à última hora, não o deixou vir colhêr as fervorosas homenagens que aqui o aguardavam, e que lhe desmentiriam o juízo pejorativo sôbre a incompreensão da sua obra, por parte dos colegas, juízo reafirmado na seguinte passagem da carta em que participava a impossibilidade de fazer viagem :

«Ah, meu caro GARRETT, não suponha que dos seus pensamentos e sentimentos a meu respeito haverá, nesse meio médico, participação bastante — sirvamo-nos dêste têrmo de obras públicas. Quanto ao presente, sou um artigo de exportação, de menos valia nacional que os figos passados. ¿ Que valor se liga a que me chamem lá fora epidemiologista e acolham ou louvem trabalhos que por cá não têm curso ? O ilustrado indígena médico não entende disso nem se importa — em que conta tem o que esgadanho, só um cego o não verá.

«Quanto ao passado, o caso ainda é mais cru — correu-lhe por cima a esponja do tempo. O que fiz nessa casa, o que criei eu só, o em que trabalhei, o que promovi, é tudo quási inteiramente desconhecido ou desapreciado».

Sente-se, no acerbo do queixume, o aproximar do fim : quem tanto trabalhou e honrou, tem jus a doer-se, na véspera do eterno adeus, da injustiça dos homens.

Pelo que ao Pôrto concerne, não o devia admirar o silêncio da cidade, tão justas são as palavras que escreveu, referindo-se a ALBERTO PIMENTEL : «bem merecia que esta o honrasse e laureasse, se não fôra o enraizado desdém sempre havido por ela para com os seus mais gloriados filhos». A doença, porém, não é local, já SÁ DE MIRANDA o sabia e dizia. Dentro do país, não ti-

nha o seu nome prestígio que de longe alcançasse a altura do seu valor. Era êste enorme; a obra que nos legou, o tempo não a deslustrará.

Não quero ser eu, sem préstimos de crítico, a enaltecê-lo devidamente. Vou buscar a ALFREDO PIMENTA, em artigo que lhe dedicou em *A Voç*, três dias depois da sua morte, palavras que na minha pena seriam desautorizadas:

«RICARDO JORGE foi, na última metade do século XIX, e nestes primeiros trinta anos do século XX, a figura mais extraordinariamente interessante da vida culta portuguesa, porque o seu espírito era diamante de mil facêtas. Escritor — de primeira água; prosador — de primeira grandeza; crítico — do mais alto saber; polemista — do mais rijo pulso. Em tudo foi grande. Em qualquer assunto que abordasse ficava, indelével, o sinal de uma garra de gigante».

De como o apreciavam lá fora, colho do já citado artigo de AUGUSTO DE CASTRO, que bem o deve saber pelo seu paradeiro em legações dos mais cultos países, êste depoimento precioso: «o prestígio nacional de RICARDO JORGE era, pelos seus trabalhos científicos, conhecido e admirado em todos os grandes centros estrangeiros. Pela sua luminosa actividade nos congressos e reuniões cosmopolitas foi considerado um dos primeiros higienistas do Mundo e catalogado entre as grandes celebridades da Europa». ; Que pode admirar o ressentimento de quem até ao último instante de uma dilatada e fecunda existência honrou a Pátria de tão alevantada maneira?

Aquêles que o julgavam soberbo, podem depor o juízo injusto. A morte arrefeceu o cérebro e a mão de RICARDO. Morreu... já o podemos glorificar. O Pôrto, de quem sempre foi em espírito, que o modelou e lançou, há-de guardar os seus restos mortais, como de um filho querido que à casa paterna volta; para dormir o eterno descanso, junto dos seus, ao-pé de amigos velhos e verdadeiros, na terra que tão entranhadamente amou e tanto dignificou.

Pôrto, Casa do Campo Lindo, 15-IX-39.

ALMEIDA GARRETT.

O PROF. RICARDO JORGE E O ENSINO MÉDICO

Os méritos e serviços do Prof. RICARDO JORGE são de todos conhecidos no que toca à sua acção como chefe supremo da organização sanitária portuguesa, à brilhante representação do nosso país em congressos e conferências internacionais, à sua cultura tão vasta como profunda e à mestria com que manejava a língua portuguesa. Outros, melhor do que eu, se encarregarão de o apreciar sob qualquer dêstes pontos de vista, que por si bastaria para honrar o seu nome.

Convidado amavelmente pela redacção da *Lisboa Médica* a colaborar neste número comemorativo, pareceu-me que devia aproveitar esta ocasião para recordar o papel que o falecido Mestre desempenhou na série de esforços sucessivos de que veio a resultar a reforma dos estudos médicos de 22 de Fevereiro de 1911.

Professor muito novo da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, foi seu delegado eleito no Conselho Superior de Instrução Pública, pelo qual passaram tantos homens eminentes. Lei recente, a de 23 de Maio de 1884, organisara êsse Conselho em amplos moldes, que permitiam às Escolas Superiores fazer ouvir a sua voz na obra de reforma que então se projectava. RICARDO JORGE tinha de apresentar ao Conselho um relatório. Fê-lo, afirma-o no expressivo prefácio, convencido da grande missão que ia caber ao Conselho Superior. Êsse relatório, apresentado na sessão de 1 de Outubro de 1885, foi impresso no mesmo ano e causou profunda impressão nos que o leram. Infelizmente, porém, nada resultou dessa acção, imediatamente. Os governos foram-se sucedendo, sem se importarem com as conclusões do relatório de RICARDO JORGE, nem com as do que, pela mesma circunstância e como delegado da Escola de Lisboa, apresentou BETTENCOURT RAPOSO. De nada serviu também a proposta de reforma do ensino médico apresentada em 1886 pelo Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e elaborada pelos Profs. ARANTES PEDROSO, BOMBARDA e RA-

pos. Só vinte anos mais tarde, graças às facilidades concedidas também por uma lei reorganizadora do Conselho Superior de Instrução Pública (JOÃO FRANCO), foi possível ao Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa encetar decididamente a obra reformadora que havia de vir a ter seu coroamento na lei de 1911. Nos trabalhos para essa reforma, encetados pelo Prof. F. GENTIL, como é sabido, deve certamente ter exercido influência o relatório do Prof. RICARDO JORGE e este Mestre, como BOMBARDA e RAPOSO, cada um com seu feitio próprio, interessou-se pela reforma em estudo e colaborou eficazmente.

O relatório de RICARDO JORGE é um documento notabilíssimo, que inda hoje, cinqüenta e quatro anos já passados, se lê com proveito. Sabedor como era da força que exerce o passado sobre o presente e das lições que encerra para o futuro, começou o autor por traçar, com mão de mestre, a história da sua Escola. Completa-a a estatística comparativa de freqüência, tanto na Escola do Pôrto, como das de Lisboa e Coimbra. Às mazelas da Escola não poupa justas críticas que bem lhe mostram a necessidade da reforma. Mas não nega os louvores que mereceram os que criaram a sua Escola e a levaram ao grau já honroso em que se encontrava.

Analisa depois, separadamente, os vários elementos do ensino, o professor, o aluno, o quadro e material de ensino e, em seguida, a organização económica e administrativa. E dessa longa e completa análise tira RICARDO JORGE as conclusões ou propostas que a lei lhe mandava apresentar ao Conselho Superior.

Inspirado, em parte, pelo que presenciara em outros países, principalmente na Alemanha, RICARDO JORGE ataca duramente a organização da carreira docente em Portugal, as suas injustas e deficientes condições económicas, as condições científicas da sua preparação e do exercício dos professores, a deficiência ou a ausência do ensino prático e a forma do seu recrutamento. Pede para o professor vencimentos que lhe permitam consagrar-se ao ensino, exige que o acesso ao lugar de catedrático seja precedido por sucessivas etapas e que se criem os lugares de assistentes e de chefes de clínica e laboratório (ao tempo, e por muitos anos ainda, totalmente inexistentes entre nós). Preconiza a concorrência e a nobre emulação em todos os graus do ensino, rejeitando

a «velharia repugnante da antiguidade, que pode ser justa e útil para outros ramos de administração pública, mas aqui completamente deslocada e maléfica». Encomia a disposição legal, então vigente, que permitia aos professores jubilarem-se, em boas condições, após vinte e cinco anos de serviço, mostrando-se defensor dum limite de idade. Propõe que os professores adquiram pela própria experiência, pelo trabalho pessoal, pela especialização, e não apenas pelos livros, a competência cheia de autoridade de que precisam. Entende, pois, que o professor deve ser, simultaneamente, homem de ciência e narra a funda impressão que lhe produziu o espectáculo dos professores alemães que passam a vida nos seus laboratórios, pesquisando nos intervalos das aulas e enriquecendo a ciência com os seus trabalhos. Nega que os portugueses não sejam capazes do mesmo esforço e cita, a propósito, o exemplo de portugueses ilustres que, transplantados a meios propícios, deram prova de ser tão capazes nas lides científicas como os demais. E, como que respondendo a objecções que mais tarde haviam de aparecer nesta nossa boa terra, escreve as seguintes frases, que têm sempre aplicação :

«Nem todos podem fazer grandes descobertas nem deixar assinalado o seu nome com brilho nos anais da ciência universal; mas que a todos seja dado o conseguimento da execução dum dever sagrado, uma obra valiosa ou modesta, como resultado dum trabalho consciencioso e digno. Não é força que cada professor seja um sábio de *élite* e cada escola uma academia de nomeada; mas seja cada catedrático um bom mestre trabalhador apto e dedicado e cada escola um centro prestimoso, uma oficina apresentável de educação e ensino! Essa a nossa bandeira!»

Discute RICARDO JORGE a melhor forma de se aproveitarem os ensinamentos do estrangeiro. Como tantos outros, antes e depois, fora de casos raros e limitados, é adverso à importação de professores estrangeiros. Mas preconiza o envio sistemático ao estrangeiro dos professores e mesmo dos melhores alunos e essa idea veio a aparecer em projectos de reforma posteriores, depois de ser *um facto* na organização escolar de certos países, como o Japão.

Quanto ao recrutamento dos professores, não poupa as críticas à detestável organização do seu tempo. O sistema que propõe baseia-se na longa e graduada preparação, através de vários

graus duma escala docente, não esquecendo a proposta duma espécie de *livre-docência*, visivelmente inspirada no exemplo alemão.

Não me é possível alongar-me na análise do notabilíssimo estudo pedagógico, que tanto ajudou a fazer o nome do Prof. RICARDO JORGE. Direi apenas que o capítulo consagrado à preparação do aluno de medicina, desde os estudos secundários, até aos preparatórios, a defesa dum exame de admissão, a discussão dos métodos de ensino, a simpatia pela freqüência livre contra a obrigatoria, a crítica ao processo de exames, todos estes e outros assuntos dêste capítulo são largamente e brilhantemente tratados. É também notável a análise do quadro dos estudos — onde enèrgicamente condena a pouca importância então dada entre nós a Histologia, ciência sôbre a qual o Prof. RICARDO JORGE fêz na sua Escola um curso prático livre, e em que alvitra a criação do ensino das especialidades. Todos os problemas didáticos duma escola médica são sucessivamente analisados e propostas as soluções applicáveis à Escola portuense, não esquecendo a questão capital do ensino clínico, sempre melindroso na capital do norte, pelas condições especiais das clínicas escolares instaladas no Hospital da Misericórdia.

O último capítulo do relatório de RICARDO JORGE, referente à organização administrativa e económica, môstra bem que nenhuma reforma se poderá fazer ou ser eficaz sem que o tesouro público contribua aumentando sensivelmente às lotações escolares. Para tal se conseguir não hesita RICARDO JORGE em propor medidas radicais e alvitra a supressão da Faculdade de Medicina de Coimbra, cuja decadência proclama e cujo fim anuncia, para melhor se dotarem as Escolas de Lisboa e do Pôrto. Como era de esperar, esta proposta suscitou os protestos de Coimbra e a respectiva polémica. E tôdas as outras propostas do relatório do Prof. RICARDO JORGE ficaram arquivadas entre tantos papéis officiais.

Só mais tarde, como é sabido, vingaram muitas das ideas de RICARDO JORGE e, se essa consolação não tivéssemos, nem por isso deixaria de merecer leitura atenta a obra memorável que sucintamente descrevi e que é em tudo digna do talento insigne do seu autor.

A. CELESTINO DA COSTA.



A OPINIÃO MÉDICA SOBRE A **Farinha Lacto-Bulgara**

Um produto considerado como a melhor
glória da Indústria Nacional

O triunfo mais glorioso que se regista em Portugal, depois de 22 anos de experiências concludentes é documentado pelas declarações dos médicos, que tem experimentado a farinha Lacto-Bulgara na alimentação dos seus próprios filhos. De 2.000 atestados médicos coligidos pelo Laboratório Farmacológico de Lisboa, foram escolhidos e agora publicados 150, no livro a Opinião Médica sobre a Farinha Lacto-Bulgara, onde se declara que só esta farinha produziu efeitos superiores aos de todos os outros produtos ensaiados primeiramente.

Do livro a Opinião Médica, que vale a pena ler, copiamos ao acaso as seguintes declarações de médicos bastante conhecidos:

Do Sr. Dr. *João Pôrto*, antigo professor de pediatria na Faculdade de Medicina de Coimbra:—«Desde há muito tempo aconselho a Farinha Lacto-Bulgara às crianças de insuficiente desenvolvimento ponderal, mesmo portadoras de dispépsias e de gastro enterites e colhido sempre as melhores impressões sobre a sua tolerância e qualidades nutritivas».

O sucessor do Sr. Dr. *João Pôrto*, um dos mais ilustres médicos da moderna geração que como toda a gente sabe é o Sr. Dr. *Lucio de Almeida*, também verificou os efeitos da Farinha Lacto-Bulgara num lindo bebé seu filho.

Do Sr. Dr. *Jacob Pinto Correia*, médico em Tremez: «A Farinha Lacto-Bulgara é para mim um dos melhores produtos dos Laboratórios portugueses. Tenho-a empregado na minha clínica com os melhores resultados. Do seu feliz emprêgo são os melhores testemunhos os meus três filhos, que com ela foram alimentados desde os primeiros meses de idade. Honra a Indústria portuguesa e o Laboratório que a fabrica.

Do Sr. Dr. *Guedes de Oliveira do Pôrto*:—«A minha afilhada era portadora duma enterite e depois de ter recorrido a vários medicamentos só a Farinha Lacto-Bulgara é que debelou este mal».

O Sr. Dr. *José de Magalhães e Meneses*, dedicado clínico do Lactário de S. José: «Tenho usado em vários casos a Farinha Lacto-Bulgara, obtendo os resultados desejados, não só na alimentação normal das crianças, como principalmente na primeira infância e após o desmame. Tenho registado alguns casos, em que a criança, não podendo tolerar o leite, suporta admiravelmente a farinha Lacto Bulgara».

Do Sr. Dr. *Domingos Correia de Carvalho*, médico em Castelo de Vide: «Declaro que Farinha Lacto Bulgara é incontestavelmente das melhores, nacionais ou estrangeiras. Por um mero acaso comecei a empregá-la num filho meu desde a idade de um mês e logo observei com agradável sur-

preza, os seus óptimos efeitos, tanto mais que certas outras farinhas, de grande nomeada, me deram resultados pouco satisfatórios, ficando muito aquém da fama que as recomendava. Esta experiência durou um ano com o meu filho e, por outras que tenho feito em algumas dezenas de casos da minha clínica, também obtive os melhores resultados, o que me leva a reputar a Farinha Lacto-Bulgara como óptima e sempre merecedora a ser preferida a qualquer outra».

Do Sr. Dr. *Augusto Correia Jor.*, médico em Tomar: «Tenho empregado com excelentes resultados a Farinha Lacto-Bulgara em crianças de tenra idade sofrendo de enterites rebeldes aos tratamentos usuais e até em casos em que já há sinais de atrepsia consecutiva à enterite».

Do Sr. Dr. *Carlos Alberto Leal*, médico no Pôrto: «Porque, de todas as farinhas que clinicamente conheço, obtive sempre resultados brilhantes com a Farinha Lacto Bulgara, passei há uns anos a indicar às mãs que me consultam esta maravilhosa Farinha».

O Sr. Dr. *Albino Pacheco*, conceituado médico em Lisboa: «Declara que durante a sua longa vida de clínico, foi a primeira vez que passou um atestado sôbre qualquer produto e isso foi devido a tratar-se da Farinha Lacto-Bulgara a melhor que conhece no género.

«A Farinha Lacto-Bulgara é um produto que resolve inteira e cabalmente o problema da alimentação das crianças, dos convalescentes e dos doentes de estômago delicado, de tal forma que não lanço mão de nenhum outro recurso, tanto mais que, nem mesmo do estrangeiro nos vem coisa de eficácia comparável. Tal é o resultado que tenho obtido na minha clínica e mais de uma vez em pessoas de minha família».

Do Sr. Dr. *Paulo Ramalheira*, médico em Ílhavo: «Entre vários produtos destinados à alimentação infantil, a minha preferência cedeu à Farinha Lacto-Bulgara, pelos efeitos benéficos obtidos na alimentação duma filhinha».

Do Sr. Dr. *Manuel Teixeira Pinto*, médico em Mortágua: «Utilizei durante bastante tempo a Farinha Lacto-Bulgara na alimentação de minha filhinha, tendo obtido bons resultados e até superiores aos obtidos com outras farinhas».

Vale bem a pena ler os restantes atestados publicados no livro a Opinião Médica sôbre a Farinha Lacto-Bulgara. Felizmente que a maioria dos médicos portugueses tem confirmado êstes incomparáveis resultados nos seus próprios filhos.

Experimentem o delicioso produto :

Ovochocolate Mitzi

para alimento dos cardíacos, hipertensos e albuminúricos, porque contém apenas a quarte parte das substâncias albuminoides contidas na carne.

Ovocacau

Preparado com leite frementado com Bacilos Bulgaros. O alimento ideal para doentes dos intestinos.

Produtos portugueses originais do Laboratório Farmacológico de Lisboa, Rua Filipe da Mata, 30 -- Tel. 4 2620.

UMA GRANDE FIGURA PORTUGUESA

Fazer a notícia necrológica de qualquer um daqueles que todos os dias desaparecem do rol dos vivos não deve ser tarefa de grande tómo. Frases consagradas, adjectivação louvaminheira conhecida, tudo passa sem reparo, nem protesto. A morte, diz-se, a todos nivela e, perante um cadáver, sempre o sentimentalismo fêz tábua rasa de quanto de ménos bom pudesse haver no vivo. Caso é outro e mui diverso se houver de se escrever, como agora, acêrca de alguém que pairou sempre ao de cima da média, valendo por si, ciente e consciente do seu mérito, sem esperar e quási sem desejar que outros lho apontassem. Que julgassem da obra e deixassem o obreiro.

A esta chácara de S. Martinho, como RICARDO JORGE hiperbòlicamente chamava ao quintalório que me rodeia a casa, chega-me solicitação instante para algumas linhas de consagração e homenagem. Que há-de o pobre escrevinhador dizer que seja digno do morto e possa merecer a atenção dos vivos? Tudo me falta neste lugar para compor trabalho documentado. Do RICARDO posuo aqui apenas algumas cartas, que contra meu costume conservei por modelos, que são, de boa epistolografia. Quanto saía de sua pena castiça trazia a garra do Mestre.

As notas esparsas que à memória me acodem, no apresto desta colaboração urgente, serão afinal misérrimo tributo para ofertório de tamanha responsabilidade. Que a sua memória mo perdõe.

*

* * *

Para os da minha geração e da minha Escola o primeiro contacto com o RICARDO fêz-se por via dêsse volume, de execução magistral, *Demographia e Hygiene da Cidade do Porto*, publicado em 1899; em qualquer parte modelo pèrfeito e em Portugal modelo único de um sério estudo demográfico. O que do RICARDO

ficara para traz — e o que ficara era já alguma coisa — só mais tarde e em parte vim a conhecer.

Quási simultâneamente surdia no Pôrto a peste bubónica, que o RICARDO, sem hesitações, diagnosticou clinicamente e bacteriológicamente. Parece que deveria ter sido mais um título a impor à consideração geral o homem a quem havia sido confiada a direcção dos serviços sanitários do burgo. Antes pelo contrário. A fúria ignara da multidão, açulada por interesses feridos, numa época em que o anúncio de uma pestilência valia por um cêrco em forma, atirou-o para Lisboa. Esta deslocação, tornada inevitável, não deixaria contudo de o seduzir. Mesmo para o RICARDO, que bem sabia discernir entre aparências e realidades, a capital era, com tôdas as suas inferioridades, o pôsto de comando. Já o outro dissera que para marcar posição era indispensável conquistar o Terreiro do Paço. E em Lisboa se instalou, rico de talento e de legítimas ambições, mas, a-pesar-de tudo, talvez longe de presumir o vespeiro em que caíra.

Vencidos os primeiros atritos com situações já criadas e que poderiam ilaqueá-lo, lançou-se à reforma dos Serviços Sanitários, ao tempo moldados ainda numa organização obsoleta e a todos os respeitos deficiente. Não lhe foi difícil gizá-la, mas nunca conseguiu vê-la em execução perfeita. Os regimes parlamentares — nas monarquias, como nas repúblicas — alimentam-se de influências que é preciso cultivar, custe o que custar. Há sempre, mesmo nos serviços de ordem técnica, alguma coisa que se sobrepõe à acertada selecção de valores e à execução integral das normas que os métodos científicos ensinam. Só quem nunca teve entre mãos trabalhos desta índole ignora de quantas inevitáveis transigências êles enfermam. A sanidade pública em Portugal ainda não teve a sua hora boa e só agora começa, com lentidão desesperadora, a perder a feição exclusivamente burocrática que sempre a caracterizou.

RICARDO JORGE teve pois que se ajeitar a êste ambiente de secretaria, onde, por cada assunto que à hygiene pudesse interessar, havia os mil e um incidentes que enleiam as direcções gerais e as obrigam a um trabalho ímprobo e falho de interesse. Foi um longo período de apagada e vil tristeza, a que só poderia resistir, não sem abalo aliás, a rija têmpera do RICARDO. Os seus biógrafos hão-dê tomar em conta a influência deletéria dêste meio se

quiserem interpretar com justeza o desnível entre o seu talento e a sua acção neste campo.

Deu-me algumas vezes a impressão de um descrente o homem que em Portugal fizera o primeiro ensaio inteligente de medicina sanitária! Mas que surgisse um incidente mais ou menos alarmante de saúde pública — e de vários, em apagada colaboração, soufri com êle o embate — e era de vê-lo tragando em poucos dias quanto de novo pudesse interessar ao caso, joeirando meticulosamente e com irrepreensível senso crítico o que houvesse de aproveitável e útil.

A «Grande Guerra» — se acaso não estamos em presença de outra que merecidamente lhe roube o título — serviu-lhe de tema para essa famosa peça literária e filosófica que foi a sua alocução presidencial na Sociedade de Ciências Médicas e onde apreciava o célebre manifesto dos intelectuais alemães. Mas não foi êste o único, nem o que pretendo vincar, dos fenómenos reaccionais em que a pugna o fêz vibrar. RICARDO visitou, com outros, a frente de batalha do exército inglês, onde já se encontravam encorporadas duas divisões portuguesas. As impressões colhidas fizeram renascer no velho sanitarista o interêsse e o entusiasmo pela sua profissão. Senti bem esta transformação no calor com que êle me descrevia a primorosa organização sanitária dos ingleses, o seu poder de improvisação em hygiene de campanha, a impecável disciplina e rigor com que todos os serviços eram desempenhados. Tudo isto era de prever por quem, como RICARDO, bem conhecia a história da sanidade pública na Inglaterra e a aptidão especial dos seus homens em tal matéria, mas nem por isso o exemplo da máquina em completo e impecável funcionamento, nessa região pouco cuidada e pouco limpa da Flandres francesa, o impressionara menos. Era uma perfeição, mesmo descontando quanto de facilidades a orgânica militar oferece para semelhante tarefa.

Estava a êsse tempo já confiado a RICARDO JORGE o encargo de nos representar no «Office International» e mais tarde também no *Comité* de hygiene da Sociedade das Nações. Aí encontrou êle, no convívio com os seus pares, o ambiente que lhe convinha e que lhe oferecia a um tempo estímulo e confôrto. O relatório sôbre a epidemiologia da febre tifóide — problema há tanto tempo discutido, mas ainda mal esclarecido — assinalou aos confrades de modo inequívoco o escrúpulo com que respigara todos os ele-

mentos úteis, a clarividência e o senso crítico com que os apreciara. Desde então, nunca mais RICARDO JORGE veio de Paris ou de Genebra sem tarefa com que entreter os ócios no intervalo das sessões. Foi uma série de excelentes monografias sôbre velhas e novas espécies mórbidas — sínteses perfeitas que pouparão aos estudiosos muita canseira e muita interpretação errada. E não se cuide que me tolda a vista exagêro admirativo ou assômo patrioteiro. Ainda há três anos, em Londres, a figura máxima entre os sanitaristas da Grande Bretanha me dizia: «O professor JORGE é uma pessoa de excepção; nunca me foi dado conhecer alguém que a um tão grande cabedal de conhecimentos juntasse um tão apurado espírito crítico».

Notável, na verdade, era a cultura geral dêste homem. Raríssimos — se algum — dos que entre nós cultivam as ciências biológicas se poderá gabar de possuir, em tão alto grau, aquêle conjunto de conhecimentos literários, morais e filosóficos que definem a cultura humanista e em que assentam as faculdades de intuição, tão necessárias ao homem de letras, como ao cientista.

Noutra ocasião e noutro lugar penso ocupar-me da obra do epidemiologista — o único aspecto desta personalidade inconfundível que me será dado apreciar com menos probabilidades de desacêrto.

*

*

*

E o RICARDO da história da medicina portuguesa, dos comentários à vida, obra e época de AMATO e dos artigos sôbre RIBEIRO SANCHES; e o polemista da escola camiliana, de botes talvez ainda mais certos que os do solitário de S. Miguel de Seide e o analista fino e penetrante dos quadros do GRECO e o escritor que os mestres consideravam mestre na arte de dizer; pois que lhe entoem hosanas os que tenham fôlego para isso. Fico-me onde sempre estive: na turba indistinta dos seus admiradores.

Alguém (LAPLANCHE, se me não engano, porque cito de memória) escreveu: «le médecin doit tenir de l'artiste, du savant et du philosophe». O médico que acaba de desaparecer possuía tôdas estas qualidades, que são, afinal, dentro ou fora da medicina, as que assinalam o homem superior.

*

* *

RICARDO JORGE conservou até ao fim da vida uma perfeita mocidade de espírito. Só o busto encurvado e a face enrugada poderiam denunciar a sua idade propecta, mas o olhar vivo e penetrante lá estava a atestar uma actividade cerebral que nunca cansou — raciocínio rápido e justo, memória fiel e pronta. O *ipsa senectus morbum est* não lhe foi aplicável, pelo menos no domínio intelectual. Bastas vezes me admirei da precisão com que êle citava trabalhos, revistas, nomes de investigadores de seu recente conhecimento, sem um vislumbre de hesitação, sem uma falha. Bem achacado já, ainda se embrenhava, com os amigos que o procuravam, em animada cavaqueira, rica de conceitos, palpitante de graça ou de ironia.

Só na última visita que lhe fiz o encontrei transmudado. A doença já o siderara. «Você quis ver esta miséria», balbuciou êle, como que envergonhado da inferioridade a que se encontrava reduzido; depois uma sentida evocação da companheira, com quem em breve voltaria a juntar-se e nada mais... O pudor mal me deixou ensaiar uma destas frases feitas — tão banal, como pouco sincera. O desenlace não deixava dúvidas. Três ou quatro dias mais tarde ia a caminho do *podridero* a carcassa onde em vida se abrigara o mais fulgurante espírito que me foi dado conhecer.

Não insistamos, se quizerem, no estafado *cliché* da lacuna difícil de preencher, mas reconheçamos todos que desapareceu uma grande figura portuguesa.

S. Martinho, Setembro de 1939.

NICOLAU DE BETTENCOURT.

RICARDO JORGE CONSTRUIU A NOSSA HIGIENE PÚBLICA

«Professor RICARDO JORGE won his international reputation by his work on the major epidemic diseases notably on plague, typhus and yellow fever.»

«His supple intelligence ranged over a large variety of subjects in art, literature, the etymology and science of language, philosophy and history and he has been compared with the savants of the Renaissance-encyclopedists to whom nothing was unknown.»

«Small and frail stature the gentlest and kindest of men, RICARDO JORGE seemed to be to his associates, in these modern times, something ethereal like a fine piece of old porcelain.»

(Do Lancet de 19 de Agosto)

Escolhi para apostila esta referência do reputado jornal de Londres porque, além do valor da origem, ela se apresenta, a meus olhos, como a mais concisa, viva e penetrante biografia de RICARDO JORGE.

Dos longos anos de companhia e de aprendizagem, sempre em apreciação bem sentida, nutrida no culto de cada dia, eu recolhi do homem e do seu sentimento, um conceito que outras palavras não definiriam nem melhor, nem mais amplamente.

O comentário da obra ardorosa e vasta que RICARDO JORGE desenvolveu no levantamento da higiene pública e no progresso dos conhecimentos epidemiológicos não deverá fazer-se ainda.

Correr-se-á certo risco de precipitação, visto que tôda essa larguíssima escala de análise científica e de realizações proveitosíssimas, não será passível duma apreensão perfeita, quando não encimada no paralelismo com aquêles meios, aquêles estadios, sôbre que erigiu as suas ideas, os seus ditames, as suas criações.

Conduzida pertinazmente, através de sessenta anos, na ânsia de examinar o mais recatado ângulo do problema e de modernizar, no mais puro grau, tôda a conclusão e acção, torna-se quási

impossível compor dela uma resenha aprofundada, sem estudo demorado de pesquisa e de meditação.

Repito o que bem recentemente escrevi (1): por agora o momento é o de fazer incidir sobre aquela grande figura o reconhecimento do público, o reconhecimento de Portugal, pelas suas produções, sobretudo aquelas destinadas à pugna contra a doença, à defesa do bem-estar.

Nas suas férias de 1884, com 26 anos de idade e três de exercício da cátedra na Escola do Pôrto, RICARDO JORGE, vibrando em cheio por via dumas excentricidades de critério, manifestadas quanto à localização e policia de cemitérios, resolve lançar a público as suas Conferências de Higiene Social.

Nascidas dum reação, nêle sempre indomável em face de exhibições menos bem firmadas nos princípios devidos, essas conferências vieram, por sorte nossa, a atraí-lo com entusiasmo para o estudo da higiene pública, que passou a ser ocupação acendrada de tôda a sua vida.

Das suas palavras de objecção às estipulações da lei sanitária, então reinante, desventrando-as e aos seus erros, às suas incongruências, e ao seu atraso, sai claramente vincada a base dum organica segura, tecida de magnífico saber e de sagacíssima intuição.

Quem, depois da leitura daquela magistral conferência de 3 de Agosto de 1884, se consiga libertar do êxtase sofrido à vista do extraordinário poder racional sobre que ela se desdobra, cai, dum jacto, na mais cintilante apreensão das finalidades e modalidades que devem guiar a traça da higiene pública.

Pode dizer-se que à nossa, à higiene pública portuguesa, marcou RICARDO JORGE por essa conferência a rota definitiva a que, sem desvio dum ápice, deu inteiro cumprimento, e com aplauso geral, quando, dezassete anos depois, elaborava a lei de 1901.

As outras conferências de 1884, que mais empolgam o profano pela figuração verdadeiramente bela que o autor imprime a um tema funerário, *a higiene da sepultura*, têm para nós, os médicos, o grandíssimo valor de, por elas, ser feita a mais cativante exposição dos elementos gerais da higiene telúrica, da higiene

(1) *Medicina Contemporânea*, n.º 35 ou 36 (?).

do ar, da higiene da água, duma maneira impecável no fundamento, na correlação fenoménica e na conclusão científica.

E poderá, pois, dizer-se que a partir dessa data RICARDO JORGE conquistava, na nossa higiene, o direito de mestrado e de chefatura.

O Pôrto, a cidade e os dirigentes, compenetraram-se da justiça dessa conquista porque, dentro de pouco, êle tomava o seu primeiro comando, que foi o da hygiene municipal portuense.

A sua marcha foi desenvolvida sôbre regras duma tal pureza e rigor que, cinqüenta anos passados, elas constituem o estatuto indiscutível duma acção higiénica formal.

Começou RICARDO JORGE por tabelar os dados demográficos da cidade e desfibrá-los para as mais férteis deduções; sôbre êsse trabalho êle concentra os lumes da sua forte mentalidade e nêle se assegura de um vigor de conclusões e dum rastreamento de conceitos que a todos, os daquele e dêste tempo ainda, a sua «Demografia da cidade do Pôrto» serviu de introdução e de exemplificação completa no estudo da estatística vital. RICARDO JORGE, em fatigante esfôrço, conseguia fabricar por ela um móbil perfeito para a sua acção na hygiene municipal, ao mesmo tempo que catequizava o meio português para a compilação demográfica que êle, com o seu exemplo, despia da secura e do abstraimento que a tantos desalentava.

Arrimado a conclusões severas, em cada dia modelando-as por observação rígida, supõe-se bem que RICARDO JORGE caminhava, resolutivo, em todos os problemas da salubridade e da epidemiologia nacional, sem nunca deixar fugir ensejo de divulgar, de ensinar o que pensava, o que via e o que atingia.

E quando, em 1899, o Pôrto, esquecido, absolutamente esquecido, do ímpeto justiceiro que levara a entregar-lhe a responsabilidade da defesa sanitária da cidade, chegava a retirar-lhe, porque até contrariava, os meios de exercer essa responsabilidade, exposta então aos maiores ataques, RICARDO JORGE alcançava o apogeu da sua habilitação, perfeitamente coroada na sua labuta, edificante, sublimada, do combate à epidemia de peste, ali surgida nesse ano.

Esta lei de 1901, que RICARDO JORGE lançava, pouco mais dum ano passado sôbre a sua entrada na administração da hygiene

pátria, tem a incrível virtude de adaptar ao intangível escrúpulo das noções científicas adquiridas, uma trama de actividades executadas, sob uma ligação prática, correntia, sem solavanco da máquina governativa, da economia pública e dos hábitos emperados da população e autoridades, de então.

Congloba tôdas as expressões de técnica, de moral e de sociologia dum código de sanidade exemplar, sem melindre da organização administrativa, que antes é maleabilizada de forma superiormente talentosa, que se torna em fortemente educativa e estimuladora de todos os seus agentes.

Catecismo que tem sido para nós, os sanitários, não poderia ela ser apreciada em tôda a medida pelos dos outros misteres, mas é lícito declarar-se que foi tema em que RICARDO JORGE applicou tôdas as suas distintas qualidades de cientista, de pensador, de investigador e de escritor.

Com uma prioridade, de vinte e cinco anos, sôbre decisões internacionais da última hora, êle cria nessa lei o ensino sanitário, precocidade reconhecida por tôda a parte e que nos não cansaremos de enaltecer, e firma esclarecidamente as máximas de resolução em fiscalização de sanidade marítima, com regrado acatamento da epidemiologia pura e das conveniências da navegação, armadas em breves palavras, tão límpidas de positivismo na verdade como na susceptibilidade de adopção.

Seguida essa lei da decretação, que RICARDO JORGE elaborava um ano depois, sôbre gêneros alimentícios e respectivas fraudes, pode dizer-se que com essas duas ordenações se formava um corpo de doutrina, definida e imorredoura, para um trabalho completo de salubridade applicada.

Menos ainda do que a lei sanitária de 1901, é conhecida do público esta lei dos gêneros alimentícios, mas não me arrependerei de proclamar a convicção de que todo o leigo, o mais leigo, que passar os olhos sôbre as instruções que a acompanham ficará em estupefacção perante os profundos e interessantes conhecimentos revelados de bromatologia pura, de bromatologia regional, de fabricação e conservação de produtos alimentares e principalmente sôbre o apuro de contencioso que RICARDO JORGE se tinha criado em substância tão agreste, tão flutuante e

tão afastada do natural campo da sua experiência e dos seus estudos.

Quis tal circunstância que venha a ser essa sua produção aquela que, embora a aridez do assunto, e exactamente por isso, mais fará sobressair a extraordinária aptidão das faculdades que RICARDO JORGE punha, com tanto realce de sistematização e exposição, sôbre qualquer objecto, seduzindo sua atenção ou o seu esforço.

Difícilmente se topará com médico estrangeiro que ignore o nome do Prof. RICARDO JORGE, reputado internacionalmente logo por sua acção na peste do Pôrto de 1899 e depois através dos seus numerosos trabalhos de epidemiologia, sôbre quasi todos os males de que, nesse sector da hygiene pública, interessa conhecimento presto e minucioso.

Pode avaliar-se da expansão e respeito do seu nome ao recordar que WU LIEN-TEH, chinês, que fêz um livro sôbre a peste pneumónica, uma só das formas da pestilência, refere dêle um número de citações só igualado por aquelas que traz quanto aos autores que escreveram sôbre a epidemia da Manchúria, de tão enorme difusão regional e populacional.

Ora a esta reputação avassaladora, que se levantou a-quando ainda dos seus tempos no burgo do Pôrto, somou RICARDO JORGE, depois, uma faina de vida sanitária internacional, exteriorizada nas pompas dùm crédito e duma consideração que não terá sido jamais atingida por qualquer personalidade médica de Portugal. O volume do seu trabalho, por notas, monografias, comunicações, discussões, apresentados em língua francesa, coloca-o seguramente na fileira dos médicos, quer franceses, quer estrangeiros, que nessa língua mais terão produzido na matéria.

É esta uma anotação, para não esquecer no justo louvor que seja preiteado à majestosa posição que ocupou em nossa literatura.

A organização cerebral de RICARDO JORGE, e a solidez de poder e de subtilidade ela encerrava em conservação íntegra dos predicados e quasi aumentando em viveza com o progresso dos anos?!

Três, quatro meses, antes de o perdermos, houve suspeita

sôbre uma interpretação diagnóstica de epidemia reinando numa pequena aldeia dum concelho da extrema Beira. Em conversa banal apresenta-se-lhe essa dúvida e RICARDO JORGE, apenas informado dos aspectos menos bem caracterizados da doença, reflecte uns segundos e sentença, explicitamente, que deveria, quási de certeza, tratar-se de determinado mal que grassara em 1924, havia quinze anos, num concelho dessa região e numa aldeia cujos nomes indicou. ; Pois o mal e o concelho eram os mesmos e a aldeia era a mais contígua daquela de que o Mestre, ainda, tanto tempo passado, guardara o nome assim, desta maneira, absolutamente fixado!

Animado duma intuição crítica vigorosa, perene, em tudo quanto punha seus olhos ou applicava o seu pensamento, lutando sempre pela superioridade espiritual, levantava RICARDO JORGE tôda a sua expressão em qualquer campo, aos cimos duma altura e de uma elegância incomparáveis. O seu estilo literário, os seus trabalhos sôbre arte, sôbre viagens, a larga série de publicações suas, e até mesmo as de língua francesa, tudo isso afirma excelentemente aquelas qualidades.

Exuberantemente elas relampejaram em tôdas as suas atitudes de ordem académica, por reuniões, comissões e congressos.

Mas não seria certamente de pensar que se pudessem ainda mesmo evidenciar, com grandeza suprema, inaudita, nos dias últimos da sua vida e exactamente ao preferir da conduta a haver para remédio dos seus sofrimentos.

Sim, ; porque RICARDO JORGE propôs-se advogar, para o seu caso, uma cura radical, que êle bem sabia ir expô-lo ao perigo derradeiro, rejeitando, desdenhosamente, um tratamento paliativo que lhe defenderia a vida, mas com sujeição a empecilhos que viriam a inhabilitar para o trabalho a sua disposição mental!

Setembro de 1939.

JOSÉ ALBERTO DE FARIA.





PROF. ARNALDO DE ALMEIDA DIAS

No dia 3 de Setembro último faleceu, em S. Pedro de Sintra, o Dr. Arnaldo de Almeida Dias, professor agregado da Faculdade de Medicina de Lisboa, chefe de laboratório do Hospital Escolar e secretário da redacção da *Lisboa Médica*.

Esta Revista, no número seguinte, prestará homenagem aos méritos dum tão valioso colaborador, que alcançara últimamente, em concurso de provas públicas, o justo prémio do seu labor no ramo de Neurologia.

A REDACÇÃO.





PANBILINE

nas DOENÇAS DO FIGADO

RECTOPANBILINE

na PRISÃO DE VENTRE

HÉMOPANBILINE

nas ANEMIAS

são
os
aneis
de uma
mesma cadeia:

A OPOTERAPIA
HEPATO-BILIAR E SANGUINEA

TOTAL

LITERATURA AMOSTRAS

LABORATOIRE J. D. PLANTIER ANNONAY (Ardeche)
FRANCE

ou Gimenez-Salinas & C.^a — 240-Rua da Palma-246 — LISBOA

LISBOA MÉDICA

JORNAL MENSAL DE MEDICINA E CIRURGIA

Os artigos devem ser enviados à redacção da «Lisboa Médica», Hospital Escolar de Santa Marta — Lisboa.

Os autores dos artigos originaes têm direito a 25 exemplares em separata.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PAGAMENTO ADIANTADO

Continente e Ilhas adjacentes:

Ano, 60\$00

Colónias e estrangeiro:

Ano, 80\$00

NÚMERO AVULSO: 8\$00 e porte do correio

Cada número terá em média sessenta páginas de texto.

Todos os assuntos referentes à administração e redacção devem ser dirigidos ao Dr. Morais David, Secretário Adjunto da Redacção e administrador da *Lisboa Médica* — Hospital Escolar de Santa Marta, Lisboa.